



VIII

Rams

Reunião
de Antropologia de
Mato Grosso do Sul

ANTROPOLOGIA E ADVERSIDADES

DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS

CADERNO DE RESUMOS

Campo Grande, MS - Brasil | 17 a 20 de Agosto 2021 | UFMS

ISSN 2236-3564



Programa de Pós-Graduação
em Antropologia Social





VIII

Rams

Reunião
de Antropologia de
Mato Grosso do Sul

ANTROPOLOGIA E ADVERSIDADES

DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS

17 a 20 de Agosto 2021 | UFMS

Campo Grande, Mato Grosso do Sul - Brasil

ISSN 2236-3564



Reitor

Marcelo Augusto Santos Turine

Vice-Reitora

Camila Celeste Brandão Ferreira Ítalo

Coordenadores

Mara Aline Ribeiro (VIII RAMS)

Antonio Hilário Aguilera Urquiza (PPGAS)

Asher Grochowalski Brum Pereira (CISO)

Comissão Científica

Álvaro Banducci Júnior – UFMS

Anna C. H. Amorim - UEMS

Antonio Hilário Aguilera Urquiza - UFMS

Asher Grochowalski Brum Pereira – UFMS

Caíque Ribeiro Galícia - UFMS

Diógenes Egídio Cariaga - UEMS

Esmael Alves de Oliveira - UFGD

Flavia Freire Dalmaso – PPGAS/UFMS

Francesco Romizi - UFMS

Guilherme Passamani Rodrigues- UFMS

Levi Marques Pereira – PPGANT – UFGD

Mara Aline Ribeiro – UFMS

Maria Raquel Duran – UFMS

Priscila Farfan Barroso – PPGAS/UFMS

Priscila Lini – UFMS

Ricardo Luiz Cruz - UFMS

Victor Ferri Mauro – UFMS

Comissão Organizadora

Aline Correia Antonini

Álvaro Banducci Júnior

Andréa Lúcia Cavararo Rodrigues

Antonio Hilário Aguilera Urquiza

Asher Grochowalski Brum Pereira

Evelyn de Souza Santiago Candido da Silva

Isabelle Jablonski

Luana Nabhan Benetti

Mara Aline Ribeiro

Alunos/as do PPGAS/UFMS e da CISO/UFMS

Diagramação

Andréa Lúcia Cavararo Rodrigues

Danilo Cezar de Jesus Santos

Realização

Universidade Federal de Mato grosso do Sul – UFMS

Promoção

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - PPGAS/UFMS

Curso de Ciências Sociais – CISO/ FACH /UFMS

Apoio

Faculdade de Ciências Humanas - FACH

Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Esporte – PROECE - UFMS



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE MATO GROSSO DO SUL**

Apresentação

O estado de Mato Grosso do Sul é fértil para a prática das Ciências Sociais, dentre elas, particularmente a Antropologia, considerando a situação de fronteira com a Bolívia e o Paraguai, as migrações, os povos indígenas, o Pantanal, os conflitos sociais, dentre outros. Essa condição proporcionou a realização da **1ª REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DE MATO GROSSO DO SUL**.

A **I RAMS** aconteceu em setembro de 2008, na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS, com o tema “**As fronteiras da prática antropológica em Mato Grosso do Sul**”. A iniciativa para criação da Reunião originou da necessidade de os/as profissionais da área no MS aprofundarem os estudos sobre a história da antropologia, assim como suas práticas e as possibilidades de organização no estado. O evento contou com a presença do Prof. Dr. Roque de Barros Laraia (UnB) e da Prof.^a Dra. Edir Pina de Barros (UFMT).

Em 2009 a Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD sediou a **II RAMS**, juntamente com o Congresso Internacional de Arqueologia, Etnologia e Etno-história de Mato Grosso do Sul. O Prof. Dr. João Pacheco de Oliveira (UFRJ/Museu Nacional), um dos maiores expoentes da Antropologia no Brasil, proferiu a palestra de abertura da Reunião. Nesse evento se iniciou a discussão de uma proposta de Associação de Antropologia no estado de Mato Grosso do Sul.

O tema e as discussões que a **III RAMS - REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA** no ano de 2011 propôs, a partir de um diálogo com outras áreas do saber e, especialmente, com a sociedade, permeou todo o evento. As palestras e grupos de trabalho apresentaram as problemáticas e a complexidade da sociedade contemporânea, a partir de uma perspectiva interdisciplinar, os/as profissionais da antropologia procuram ampliar o foco de alcance da compreensão dos fenômenos socioculturais atuais. Os/as acadêmicos/as tiveram um espaço de reflexão sobre temas atuais da Antropologia, permitindo maior compreensão dos desafios que encontrarão pela frente. A participação do Prof. Dr. Antônio Carlos de Souza Lima (PPGAS/UFRJ/Museu Nacional) foi relevante para o sucesso do evento.

Em abril de 2013, no contexto da aprovação da Pós-graduação em Antropologia na UFGD, aconteceu **IV RAMS**, com a presença do Prof. Dr. Roque de Barros Laraia (UNB) e de professores/as antropólogos/as do Mato Grosso do Sul. O tema foi a celebração dos 50 anos da realização do trabalho de campo coordenado pelo Dr. Roberto Cardoso de Oliveira no MS, com um grupo de alunos/as, que seria a primeira turma de antropólogos/as formados/as pelo Museu Nacional.

No dia 12 de maio de 2015 realizou-se a **V RAMS - REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DE MATO GROSSO DO SUL**, na Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD, na cidade de Dourados, durante a realização do III CIAEE - Congresso Internacional de Arqueologia, Etnologia e Etno-história de Mato Grosso do Sul. Foram convidados para presidir o evento o Prof. Dr. Levi Marques Pereira (UFGD) e o Prof. Dr. Álvaro Baducci Jr. (UFMS), com ênfase na organização dos/as antropólogos/as de MS.

Entre os dias 5 a 8 de abril de 2017 ocorreu a **VI RAMS**, na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS, com o tema “**Povos tradicionais na contemporaneidade - cosmologias e fronteiras**”. Nessa versão teve como inovação a presença dos/as jovens antropólogos/as formados no Programa de Pós-graduação em Antropologia da UFGD,

trazendo para as mesas de debates a visibilidade das pesquisas em antropologia do estado. A Prof.^a Dra. Jane Felipe Beltrão (UFPA), foi a conferencista especialmente convidada.

Em outubro de 2019 a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS sediou a **VII RAMS - REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DE MATO GROSSO DO SUL**, com o tema “**Diálogos Contemporâneos**”. Nessa edição o Prof. Dr. Stephen Grant Baines (DAN/UnB) e o Prof. Dr. Ronaldo Romulo Machado (UNICAMP) abrilhantaram a RAMS, além da participação do/as antropólogos/as egressos do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da UFMS.

A versão de 2021 da **VIII RAMS** ocorrerá na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS, a temática é “**Antropologia e Adversidades: Desafios Contemporâneos**”. O desafio para a Comissão Organizadora, dessa vez, está sendo organizar um evento totalmente *on-line*, respeitando as medidas de biossegurança recomendadas pela Organização Mundial da Saúde – OMS em meio à pandemia da covid-19 que assolou o mundo desde os primeiros meses de 2020.

Prof.^a Dr.^a Mara Aline Ribeiro
Coordenadora da VIII RAMS

Programação

17 DE AGOSTO (Terça-feira)

8h (horário oficial de MS) Minicurso

A população de rua, o uso do crack em cenas abertas e a “Rodô” de Campo Grande – MS: intersecções, diferenças e aproximações sob uma perspectiva comparada

14h (horário oficial de MS) Minicurso

Antropólogas negras no centro: contribuições afrodiaspóricas

19h (horário oficial de MS) Mesa de Abertura

TEMA: Antropologias contemporâneas: caminhos e descaminhos

Palestrantes: Prof. Dr. Antônio Carlos de Souza Lima (PPGAS/ UFRJ/Museu Nacional)
Prof.^a Ma. Célia Nunes Correa (Célia Xakriabá) – (UFMG)

Mediação: Prof. Dr. Antônio Hilário Aguilera Urquiza (PPGAS/UFMS)

18 DE AGOSTO (Quarta-feira)

8h (horário oficial de MS) Minicurso

Ensino de história indígena e afro-brasileira

14h (horário oficial de MS) Apresentação dos GT1, GT2, GT3, GT4, GT5, GT6, GT7 e GT9

18h (horário oficial de MS) Mesa 2

TEMA: Passando a boiada: ambiente, comunidades e conflitos no Pantanal

Palestrantes: Lieze Francisco Xavier (Presidente da Associação de pescadores artesanais de iscas de Miranda APAIM)

Prof.^a Dr.^a Silvia Cristina Santana Zanatta

Prof. Dr. Jorge Eremites de Oliveira (UFPEL)

Mediação: Prof.^a Dr.^a Mara Aline Ribeiro (FACH/UFMS)

19 DE AGOSTO (Quinta-feira)

8h (horário oficial de MS) Minicurso

Caminho das Tecnologias: ferramentas para organizar a vida acadêmica em tempos de crises externas e internas

14h (horário oficial de MS) Apresentação dos GT1, GT6 e GT7

18h (horário oficial de MS) Mesa 3

TEMA: Etnografias em diferentes contextos: desafios metodológicos

Palestrantes: Prof. Dr. Fabiano de Souza Gontijo (PPGA/UFPA)

Prof. Dr. Hugo Menezes Neto (PPGA/UFPE)

Mediação: Prof.^a Dr.^a Priscila Farfan Barroso (PPGAS/UFMS)

20 DE AGOSTO (Sexta-feira)

8h (horário oficial de MS) Mesa de Encerramento

TEMA: Homenagem a Marshall Sahlins

Palestrantes: Prof.^a Dr.^a Marta Rosa Amoroso (USP)

Prof.^a Dr.^a Lilia Katri Moritz Schwarcz (USP)

Prof. Dr. Marcos Pazzanese Duarte Lanna (UFSCar)

Mediação: Prof. Dr. Francesco Romizi (PPGAS/UFMS)

14h (horário oficial de MS) Apresentação dos GT1 e GT6

Sumário

GT 1

TERRITÓRIO E ETNICIDADE TERENA E SUA RELAÇÃO COM A FESTA DE SÃO SEBASTIÃO, ALDEIA BURITI.....	15
<i>Rafael Allen Gonçalves Barboza</i>	
ENCRUZILHADA DE ESTÓRIAS - REGISTRO DAS FESTIVIDADES RELIGIOSAS	15
<i>Thayná Cambará Beraldo e Mario Teixeira de Sá Júnior</i>	
A AGÊNCIA DO GODIDIGO NAS FESTAS EJIWAJEGI-KADIWÉU.....	15
<i>Maria Raquel da Cruz Duran</i>	
TRABALHO DE CAMPO E TEXTO ETNOGRÁFICO NA ANTROPOLOGIA DAS RELIGIÕES AYAHUASQUEIRAS.....	16
<i>Saulo Conde Fernandes</i>	
O CONTRÁRIO DA MORTE É A FESTA: NOTAS SOBRE A PATRIMONIALIZAÇÃO DAS FESTAS DE PRETO VELHO E IEMANJÁ EM BELO HORIZONTE	16
<i>Bianca Zacarias França</i>	
QUIZILAS: COMO AS PRÁTICAS ALIMENTARES INFLUENCIAM NA VIDA DOS ADEPTOS DO CANDOMBLÉ	17
<i>Luiz Fábio Pinheiro Lima e Marcos Esdras Leite</i>	
A MULTIPLICIDADE DO UNO: ICONOCLASTIA E ICONOFILIA NA COSMOLOGIA DAIMISTA.....	17
<i>Mateus Henrique Zotti Maas</i>	
NEOXAMANISMO E CULTURA AYAHUASQUEIRA NO CONTEXTO URBANO DE DOURADOS: HABITANDO A PRAIA DOS DEUSES	18
<i>Andreas de Almeida Moura e Grazielle Acçolini</i>	
RITUAIS PROFANOS: UMA ANÁLISE DA PRÁTICA DOS MEMBROS DO HEAVY METAL NOS SHOWS.....	19
<i>Muryel Moura dos Santos</i>	
IMPACTO DA COVID-19 E AUMENTO DA PRODUÇÃO DE GARRAFADAS.....	19
<i>Karlene B. Oliveira e Kelly Pantoja</i>	
RITUAIS DE FÊ: O MONGE JOÃO MARIA NO PARANÁ	20
<i>Claudia Inês Parellada</i>	
POR TRÁS DAS GRADES E FORA DAS GRADES: UM ESTUDO ANTROPOLÓGICO SOBRE RESSOCIALIZAÇÃO NAS EXPERIÊNCIAS DE VIDA DOS DETENTOS DO CENTRO PENAL AGRO-INDUSTRIAL DA GAMELEIRA EM CAMPO GRANDE - MS (CPAIG).....	20
<i>Jose Adauto Rocha da Silva e Asher G. Brum</i>	
A RELIGIOSIDADE INDÍGENA E A DIMENSÃO ESPIRITUAL NA “NATUREZA SELVAGEM”	21
<i>Marivaldo Aparecido de Carvalho</i>	
A BRINCADEIRA NÃO PODE ACABAR: NEM TODO DIA É DIA DE FESTA ENTRE OS CURURUEIROS DE CORUMBÁ E LADÁRIO/MS	21
<i>Edivania Freitas de Jésus e Wanessa Pereira Rodrigues</i>	
A EXISTÊNCIA MISTERIOSA DAS ESTATUETAS ANTROPOMORFAS DE MADEIRA ENTRE OS EJIWAJEGI-KADIWÉU: ÍDOLOS, SANTOS, BONECAS OU INSÍGNIAS FAMILIARES?.....	22
<i>Francesco Romizi</i>	
JUVENTUDE INDÍGENA: OLHARES SOBRE ‘CELEBRAÇÕES’ E ‘LOUVORES’ NA IGREJA 1ª CONGREGAÇÃO.....	23
<i>Lílian Luana da Silva e Grazielle Acçolini</i>	
RELIGIÕES E RELIGIOSIDADES NA ALDEIA BURITI - T.I. BURITI/MS	23
<i>Grazielle Acçolini</i>	

GT 2

OGLALA LAKOTA E OS KAIOWÁ E GUARANI. A INDIRECT RULE NOS EUA E NO BRASIL 25

Marco Antonio Delfino de Almeida

A EDUCAÇÃO SALESIANA ENTRE INDÍGENAS BORORO: ESTRATÉGIAS DE RESISTÊNCIA 25

Carla Fabiana Costa Calarge

PESQUISA ETNO-HISTÓRICA E A GARANTIA DE DIREITOS PARA OS POVOS INDÍGENAS..... 26

Thiago Leandro Vieira Cavalcante

ETNOASSOCIATIVISMO TERENA: A AGROECOLOGIA DAS CULTURAS 26

Pedro Sérgio Dantas da Silva Carvalho e Antonio Hilario Aguilera Urquiza

OUTRO DOS ÍNDIOS: A ORIGEM DOS BRANCOS E DAS MULHERES NOS MITOS DO CHACO 27

Guilherme G. Felipe

CONVERGÊNCIAS ENTRE ETNO-HISTÓRIA E ESTUDOS DE GÊNERO..... 27

Paula Faustino Sampaio

GT 3

O CONSUMO DO TURISMO NA SOCIEDADE DA SATISFAÇÃO IMEDIATA: O PAPEL DOS DIGITAL INFLUENCERS E A VENDA IMAGÉTICA DA VIDA PERFEITA..... 30

Sabrina Sales Araújo

ARTE DE RUA NA CIDADE DE CAMPO GRANDE: NARRATIVAS SOBRE SEU MODO DE OCUPAÇÃO..... 30

Beatriz Silva Bogarim e Guilherme Passamani Rodrigues

O TRABALHO COMO PRINCÍPIO EDUCATIVO: A FORMAÇÃO PROFISSIONAL EM UMA INSTITUIÇÃO PÚBLICA DE CAMPO GRANDE/MS SOB A ÓTICA DA ANTROPOLOGIA DO TRABALHO 31

Ariela Castelani e Ricardo Luiz Cruz

AVALIAÇÃO NOS APLICATIVOS DE SERVIÇOS: AS TRANSFORMAÇÕES NO TRABALHO E NO CONSUMO 31

Ranielly Silva Leite

COVID-19, SOLIDÃO E PROBLEMAS (SENTI)MENTAIS: A QUARENTENA COMO FATOR PROPULSOR DO CONSUMO DE TERAPIA DIGITAL 32

Milena Geisa dos Santos Martins

ESTRATÉGIA CORPORATIVA E ANTROPOLOGIA: CONHECIMENTO ANTROPOLÓGICO PARA COMPREENSÃO DO COMPORTAMENTO DO CONSUMIDOR NO MERCADO CHOCOLATES PREMIUM NO BRASIL 32

Alisson de Souza Pereira

TRABALHO E TURISMO NO PANTANAL EM TEMPOS DE PANDEMIA..... 33

Mara Aline Ribeiro

OS SENTIDOS DA AUTONOMIA: UMA ANÁLISE SOCIOLÓGICA SOBRE A FLEXIBILIZAÇÃO DO TRABALHO ENTRE OS MOTORISTAS DE APLICATIVO DE CAMPO GRANDE – MS 33

Amanda Yumi Miyazato de Souza e Ricardo Luiz Cruz

AS ESPECIFICIDADES DOS/DAS TRABALHADORES/AS BOLIVIANOS/AS ATENDIDOS/AS NO CENTRO DE REFERÊNCIA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL - CRAS ITINERANTE - NA CIDADE FRONTEIRIÇA DE CORUMBÁ/MS 34

Natália Buginga Ramos da Costa Sachini e Mara Aline Ribeiro

PESCADORES DE ISCAS VIVAS: NOVOS ARRANJOS SOCIAIS E DO TRABALHO NO PANTANAL DE MATO GROSSO DO SUL..... 34

Danilo Cezar de Jesus Santos e Álvaro Banducci Júnior

O TRABALHO NO COMÉRCIO FRONTEIRIÇO EM TEMPOS DE PANDEMIA DA COVID-19.....	35
--	-----------

Divania de Souza da Silva e Mara Aline Ribeiro

“EU TENHO QUE PEGAR PENSÃO, REBITAR O JACO E COMPRAR DISCOS”: CIRCULAÇÃO DE OBJETOS ENTRE PUNKS EM SITUAÇÃO DE TRABALHO PRECARIZADO EM CURITIBA E PORTO ALEGRE, SOB A PERSPECTIVA DE MARCEL MAUSS.....	36
---	-----------

Tatiana de Oliveira

GT 4

O BDSM PARA ALÉM DA METRÓPOLE: NOTAS PARA PENSAR CORPO, SEXUALIDADE E DESEJO EM PRÁTICAS ERÓTICAS NO INTERIOR DO BRASIL....	38
--	-----------

Bruno Henrique Benichio Alves Barbosa

BRODERAGEM SOB OS TRÓPICOS: A CONSTRUÇÃO DE MASCULINIDADES PAUTADAS NO DESEJO OCULTO.....	38
--	-----------

Camila Santos Dias

POLÍTICA, GÊNERO, SEXUALIDADE, DIREITO À CIDADE	39
--	-----------

Gabriel Rêgo Licata

A HIERARQUIA E OS HÁBITOS DO HABITAR NO BRASIL COLONIAL: UMA ANÁLISE DE GÊNERO NA CASA-GRANDE DE GILBERTO FREYRE	39
---	-----------

Priscila Lini e Sabrina Lini

REVELAÇÃO DA HOMOAFETIVIDADE EM FAMÍLIAS DE PARANAÍBA/MS	40
---	-----------

Jeferson Camargo Taborda

REDES DE SOCIABILIDADE E CONSUMO DE ESPAÇOS COMO PROCESSADORES DE SUBJETIVAÇÃO E MANUTENÇÃO DAS IDENTIDADES LGBTQIA+ NOS MUNICÍPIOS DE ARARAQUARA E SÃO CARLOS	40
---	-----------

Mateus Rodrigues dos Santos

GT 5

TERCEIRO SETOR: NA LINHA DE FRENTE COM OS GUARANI E KAIOWÁ NO COMBATE DO COVID-19, MATO GROSSO DO SUL	43
--	-----------

Priscila de Santana Anzoategui e Jéssica Maciel

ETNOMÍDIA INDÍGENA COMO NARRATIVA DAS RESISTÊNCIAS.....	43
--	-----------

Raylson Chaves Costa e Vinicius Guedes Pereira de Souza

POLÍTICAS DE RECONHECIMENTO OFICIAL INDÍGENA NOS TEMPOS DA DITADURA MILITAR BRASILEIRA.....	44
--	-----------

Arielly de Oliveira Amarilla e Victor Ferri Mauro

ARBITRARIEDADES NA ATUAÇÃO DO SPI JUNTO AOS ÍNDIOS TERENA.....	44
---	-----------

Victor Ferri Mauro

A PRÁTICA DO KOHIXOTI-KIPAÉ COMO ESTRATÉGIA DE RESISTÊNCIA ÉTNICA PELOS TERENA DA ALDEIA URBANA DO JARDIM INÁPOLIS	45
---	-----------

Luiz Felipe Barros Lima da Silva e Victor Ferri Mauro

OS TERENA, O PODER TUTELAR E O ESTADO: REFLEXÕES SOBRE A AÇÃO POLÍTICA DO CONSELHO TERENA	45
--	-----------

Arthur Paiva Octaviano

MOVIMENTO INDÍGENA E A LEI Nº 11.645/2008: CONTRIBUIÇÕES PARA A EDUCAÇÃO	46
---	-----------

Evelyn de Souza Santiago Candido da Silva

GT 6

CONSIDERAÇÕES ACERCA DO PLURALISMO JURÍDICO COMO GARANTIA DE MAIOR EFICÁCIA DA NORMA CONSTITUCIONAL	48
<i>Marco Antônio Rodrigues</i>	
QUILOMBO BURITI DO MEIO: O BARRO, AS CANTIGAS E AS FESTAS CONSTRUINDO O MODO DE SER E DE VIVER NA COMUNIDADE	48
<i>Laís Pereira Costa e Andréa Maria Narciso Rocha de Paula</i>	
ENTRE O FERRO E O ASFALTO, O “CORREDOR CARAJÁS” E A BR 135: AS TENSÕES SOCIAIS OCASIONADOS POR DISTINTOS PROJETOS DE INFRAESTRUTURA	49
<i>Célia Brenda Lima Fernandes</i>	
NARRATIVA QUILOMBOLA EM CONTEXTO DE AFIRMAÇÃO IDENTITÁRIA	
<i>Adrielma Abreu</i>	
OS IMPACTOS POLITICOS E ECONOMICOS DOS MOVIMENTOS SOCIAIS NO MUNICIPIO DE TACURU- MS.....	50
<i>Paulo Apolinario Bispo</i>	
O SEPULTAMENTO PRESENTE NA CULTURA GUARANI-KAIOWÁ	50
<i>Leylanne Rittes Miranda</i>	
DIREITOS FUNDAMENTAIS E A DEMARCAÇÃO DE TERRAS INDÍGENAS NO MATO GROSSO DE SUL	51
<i>Elvis Gomes Marques Filho e Antônio Hilário Aguilera Urquiza</i>	
“MATARAM NOSSO GUERREIRO”: COSMOPOLÍTICA E RETOMADA EM UM ACAMPAMENTO GUARANI KAIOWÁ.....	51
<i>Gabriela Barbosa Lima e Santos Zotti e Mateus Henrique Zotti Maas</i>	
AS PRÁTICAS INTERCULTURAIS NA ESCOLA INDIGENA TERENA: FRONTEIRAS, DESENVOLVIMENTO, DESAFIOS E PERSPECTIVAS DE UMA EDUCAÇÃO DIFERENCIADA	52
<i>Eduardo dos Santos Rodrigues</i>	
MULHERES TERENA E SEU PROTAGONISMO COMO INTELECTUAIS: FEMINISMO INDÍGENA.....	52
<i>Kellen Dias Lacerda, Andréa Lúcia Cavararo Rodrigues e Antonio Hilário Aguilera Urquiza</i>	
PROCESSOS DE “FISSÃO” E “FUSÃO” SOCIAIS E TERRITORIAIS NAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS DE SANTARÉM, PARÁ.....	53
<i>Diego Pérez Ojeda del Arco</i>	
EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA E FRONTEIRA – UMA ANÁLISE ANTROPOLÓGICA DOS IMPACTOS DA ROTA BIOCEÂNICA EM PORTO MURTINHO/MS	53
<i>Laura Luiza Mendonça e Antônio Hilário Aguilera Urquiza</i>	
CIDADE DOS DEUSES: ENTRE A ROÇA E A METRÓPOLE. O EMBRANQUECIMENTO DO CANDOMBLÉ A PARTIR DOS PROCESSOS DE URBANIZAÇÃO	54
<i>Gabriel Pereira Garcia e Francesco Romizi</i>	
POVOS INDÍGENAS E DIREITO DE IR E VIR: A INCONVENCIONALIDADE DA MENSAGEM DE VETO Nº 163 À LEI Nº 13.445/2017	55
<i>Luyse Vilaverde Abascal Munhós e Antônio Hilário Aguilera Urquiza</i>	
ASSOCIAÇÃO APIWTXA: PROJETO ARTICULAÇÃO TRANSFRONTEIRIÇA BRASIL-PERU	55
<i>Julia Aparecida Rodrigues da Silva</i>	
A ECONOMIA DA RECIPROCIDADE NA TRADIÇÃO GUARANI SOB A PERSPECTIVA DA DÁDIVA DE MARCEL MAUSS	56
<i>Priscila Lini e Antônio Hilário Aguilera Urquiza</i>	
CERAMISTAS KINIKINAU E SEUS SEGREDOS NA PANDEMIA DA COVID-19: ETNOGRAFIA DIGITAL E PERAMBULAÇÃO NA REDE	57
<i>Aila Vilela Bolzan</i>	
ESPAÇO E MOBILIDADE ENTRE AS MULHERES KAIOWÁ.....	57
<i>Camila Assad Catelan e Antônio Hilário Aguilera Urquiza</i>	

AS CIÊNCIAS SOCIAIS BRASILEIRAS EM CLARA NUNES: ALGUMAS POSSIBILIDADES DE DEBATES PARA O ENSINO DE SOCIOLOGIA A PARTIR DA CANÇÃO CANTO DAS TRÊS RAÇAS.....	58
<i>Matheus Alves do Nascimento</i>	
COVID-19: GRUPOS ANTIVACINA NA RESERVA INDÍGENA DE DOURADOS, MATO GROSSO DO SUL	58
<i>Jéssica Maciel de Souza, Caroline Ayala Himmelreich e Daniele de Souza Osório</i>	

GT 7 e 8

BUSCAR POR TETOS FEMINISTAS: ANTROPOLOGIA E LITERATURA ENQUANTO QUEBRAS DA “REALIDADE”	61
<i>Aletheya Alves e Asher G. Brum</i>	
“O SUPERIOR ME CONVIDOU PARA SAIR DO CONVENTO”: REFLEXÕES SOBRE SEXUALIDADE. DESVIOS E BIOPODER NO MEIO RELIGIOSO	61
<i>Rebeca de Azevedo e Asher G. Brum</i>	
TANGO QUEER: DANÇAR PARA ALÉM DAS FRONTEIRAS.....	62
<i>Ana Carolina Brindarolli e Asher G. Brum</i>	
TERRITÓRIO, CORPO E ETNOGRAFIA: LUTAS PROTAGONIZADAS POR MULHERES NO BEIRADÃO AMAZÔNICO	62
<i>Malenna Clier Ferreira Farias e Edna Ferreira Alencar</i>	
A SUBJETIVIDADE E A REPRESENTATIVIDADE NA ESCOLHA DO ELEITOR AO VOTAR NA “SENADORA DO BOLSONARO”	63
<i>Caroline Holanda Queiroz Leite, Álvaro Banducci Júnior e Maria Raquel da Cruz Duran</i>	
SENTIDO DE SER/ESTAR “DESIGREJADA”: UMA CATEGORIA CORPORIFICADA EM DISPUTA	63
<i>Tatiana Bezerra de Oliveira Lopes e Alinne de Lima Bonetti</i>	
NOVOS FEMINISMOS, NOVAS REVOLUÇÕES: O MOVIMENTO BRAISLEIRO DAS PROSTITUTAS NA LUTA PELO DIREITO À CIDADANIA E AO TRABALHO.....	64
<i>Letícia Moutinho Palis e Laura Rebecca Murray</i>	
TRAJETÓRIA FEMININA: AHY - ASSOCIAÇÃO DE MULHERES TERENA DA ALDEIA BREJÃO, T.I. NIOAQUE/MS.....	64
<i>Daniele Lorenço Gonçalves</i>	
VAZANDO GÊNEROS: CORPO ANDRÓGENO E MENSTRUACÃO EM CAMPO.....	65
<i>Clarissa Reche</i>	
MULHERES EM CIRCULAÇÃO: COTIDIANO E TRABALHO URBANO NA AMAZÔNIA (ENTRESSÉCULOS).....	65
<i>Isadora Bastos de Moraes</i>	
“EU ERA UMA MENINA FEIA QUE CONSEGUI VIRAR UMA MENINA BONITA”: EXPERIÊNCIAS TRANS FEMININAS, TRANS MASCULINAS E TRAVESTIS EM CAMPO GRANDE-MS.....	66
<i>Adriana Cristine Lopes Lino e Guilherme Rodrigues Passamani</i>	
A GUERRA TEM ROSTO DE MENINA: QUANDO A POLIFONIA DOS ESTILHAÇOS EMBALA CANÇÕES DE NINAR.....	66
<i>Vanessa Oliveira Rocha e Karina Leonardo do Nascimento</i>	
UMA PUTA ENTIDADE: POSSIBILIDADES DE DIÁLOGOS ENTRE O PUTAFEMINISMO E AS REPRESENTAÇÕES DAS POMBAGIRAS.....	67
<i>Maria Eduarda Rodrigues da Silva, Carla Cristina de Souza e Flávia Freire Dalmaso</i>	
EU VERSUS O OUTRO E A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER.....	68
<i>Rosimeire Batista da Silveira e Asher G. Brum</i>	
O PATRIARCADO ECLESIASTICO E AS IMPLICAÇÕES NAS RELAÇÕES DE GÊNERO	68
<i>Vanessa Vieira</i>	

GT 9

“NÓS SOMOS MUITO MAIS”: CARTOGRAFANDO POR ENTRE ESPAÇOS NOMES, CORPOS EM BUSCA DE CONCEPÇÕES TRANSVIADA DE SAÚDE 71

Daniella Chagas Mesquita e Esmael Alves de Oliveira

LGBTs E A SAÚDE MENTAL: SUPERANDO SILÊNCIO(S)..... 71

Esmael Alves de Oliveira

O ADOECIMENTO PSÍQUICO DE GRADUANDOS DA FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS (USP): DIÁLOGOS INTERSECCIONAIS COM A ANTROPOLOGIA DA SAÚDE..... 72

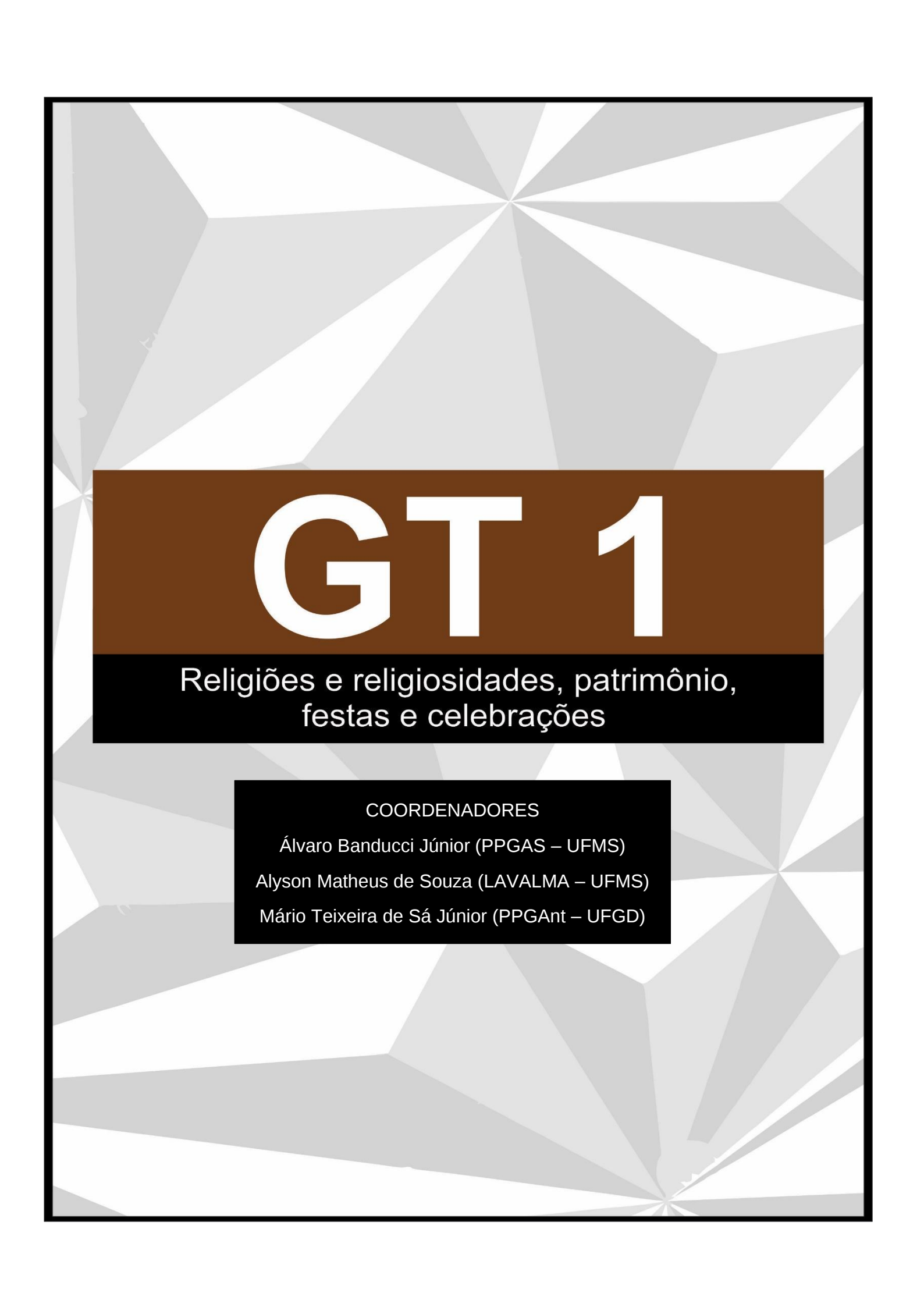
Felipe Paes Piva

SAÚDE INDÍGENA E PANDEMIA: CONSIDERAÇÕES SOBRE A POLÍTICA PÚBLICA DE ENFRENTAMENTO À COVID-19 PARA OS POVOS INDÍGENAS E A ADPF N. 709 73

Sandra Regina Martini, Antonio Hilário Aguilera Urquiza e Élide Martins de Oliveira Taveira

O CORPO MULTINATURAL DE LACAN, OU A PROPÓSITO DE UMA NATUREZA NA REFLEXÃO ONTOLÓGICA EM PSICANÁLISE 73

Alberto Warmling Candido da Silva e Tiago Ravanello



GT 1

Religiões e religiosidades, patrimônio,
festas e celebrações

COORDENADORES

Álvaro Banducci Júnior (PPGAS – UFMS)

Alyson Matheus de Souza (LAVALMA – UFMS)

Mário Teixeira de Sá Júnior (PPGAnt – UFGD)

TERRITÓRIO E ETNICIDADE TERENA E SUA RELAÇÃO COM A FESTA DE SÃO SEBASTIÃO, ALDEIA BURITI

Rafael Allen Gonçalves Barboza

A festa de São Sebastião dos Terena de Buriti é realizada desde 1920. Este santo está implicado na territorialização, desde então contribui para a reelaboração étnica do grupo. Essa festa se tornou o evento mais importante da aldeia Buriti, ela atualiza as alianças entre os Terena de Buriti e outros grupos étnicos, além de possibilitar uma rede de solidariedade. Acredito que na atualidade do povo Terena de Buriti e aí incluo a festa de São Sebastião como elemento que já é parte dessa sociedade. O tema central deste texto é a implicação da festa de São Sebastião no processo de territorialização e a afirmação da identidade Terena na aldeia Buriti. É possível que a partir do contexto de festa de São Sebastião dos Terena de Buriti perceber a longa luta política Terena por seu território tradicional. E as diversas estratégias de resistências que esse grupo desenvolveu sendo que essa festa pode ser pensada como uma delas.

PALAVRAS-CHAVE: Etnicidade, Território, Aldeia Buriti, São Sebastião.

ENCRUZILHADA DE ESTÓRIAS - REGISTRO DAS FESTIVIDADES RELIGIOSAS

*Thayná Cambará Beraldo
Mario Teixeira de Sá Júnior*

Este trabalho tem como objetivo apresentar a experiência de campo durante as filmagens das celebrações de São Sebastião (Oxóssi) e Nossa Senhora dos Navegantes (Yemanjá) que culminou na série de curtas que leva o nome “Encruzilhadas de Estórias - Registro das Festividades Religiosas”, nos municípios de Corumbá e Ladário/ MS, cidades que possuem um conjunto de atividades culturais bastante variadas e efervescentes. O resultado obtido indica que os religiosos afro-brasileiros têm uma participação bem mais significativa nas celebrações locais do que os meios midiáticos e os registros escritos demonstram.

PALAVRAS-CHAVE: Festividades, Celebrações, Memórias, Sincretismo Religioso.

A AGÊNCIA DO GODIDIGO NAS FESTAS EJIWAJEGI-KADIWÉU

Maria Raquel da Cruz Duran

Nesta apresentação pretendo divulgar parte da minha tese de doutorado, realizada entre os Ejiwajegi, população indígena do Mato Grosso do Sul (Brasil) – melhor conhecida como Kadiwéu –, e defendida em 2017. Nela, sustento a teoria de que os desenhos

ejiwajegi-kadiwéu são mitos gráficos, isto é, memórias alternativas a escrita, que comunicam, simbolizam e promovem relações entre termos (autóctones, não indígenas, seres notívagos, ancestrais, animais, plantas, etc.), interagindo com eles. Para demonstrar algumas dessas interações, exporei em minha apresentação oral, se aprovada, a agência/comunicação do desenho ejiwajegi/kadiwéu no contexto de três festas: da moça, do guerreiro e do índio.

PALAVRAS-CHAVE: Ejiwajegi/Kadiwéu, Desenho, Festas, Mitos gráficos, Relacionismo.

TRABALHO DE CAMPO E TEXTO ETNOGRÁFICO NA ANTROPOLOGIA DAS RELIGIÕES AYAHUASQUEIRAS

Saulo Conde Fernandes

Esse paper é uma versão adaptada do projeto de pesquisa de doutorado que venho realizando na UFMG desde o início de 2021. O intuito é empreender um exercício epistemológico acerca da categoria “antropólogo ayahuasqueiro”, forjada por Beatriz Labate em 2000 para designar o antropólogo que consome ritualmente a bebida psicoativa ayahuasca na realização de sua pesquisa, explicitando essa dupla inserção (pesquisador e adepto). O objetivo central é confrontar a ciência ocidental, tida como o único conhecimento legítimo, com as multiplicidades cosmopolíticas da ayahuasca, saberes tradicionais advindos de múltiplos contextos. Inspirado na obra “O antropólogo e sua magia”, de Vagner Gonçalves da Silva, pretendo investigar as particularidades do trabalho de campo antropológico realizado através do consumo ritual da ayahuasca, assim como as estratégias de escrita e modos de autoridade etnográfica presente nas etnografias sobre religiões ayahuasqueiras. Também analisarei a agência – não humana mas em estreita relação com humanos – da ayahuasca, enquanto “planta professora”, na construção deste campo de pesquisa. O percurso metodológico se dará mediante um duplo viés: comunicação intersubjetiva com antropólogos ayahuasqueiros e análise de suas produções antropológicas.

PALAVRAS-CHAVE: Antropologia, Etnografia, Trabalho de Campo, Ayahuasca.

O CONTRÁRIO DA MORTE É A FESTA: NOTAS SOBRE A PATRIMONIALIZAÇÃO DAS FESTAS DE PRETO VELHO E IEMANJÁ EM BELO HORIZONTE

Bianca Zacarias França

Este artigo busca compreender a relevância das tradicionais Festa do Preto Velho e Festa de Iemanjá na cidade de Belo Horizonte, como duas das mais antigas celebrações sagradas afro religiosas realizadas no espaço público e resultado de uma longa trajetória de mobilizações da cultura de matriz africana no estado de Minas Gerais e na sua capital. Belo Horizonte como uma cidade planejada baseada em preceitos modernos, positivistas e de segregação sócio-espacial sempre contou sua história a partir da patrimonialização de bens ligados ao catolicismo, à elite e ao passado colonial da cidade. A experiência da

fé pública de religiões de matriz africana - historicamente perseguidas e criminalizadas - nesses festejos, que se tornaram patrimônio cultural municipal por meio de um autorregistro (metodologia inédita no estado de Minas Gerais), nos ensina por meio de uma pedagogia antirracista das encruzilhadas que a festa é o contrário da morte.

PALAVRAS-CHAVE: Patrimônio Cultural, Umbanda, Festa de Preto Velho, Festa de Iemanjá.

QUIZILAS: COMO AS PRÁTICAS ALIMENTARES INFLUENCIAM NA VIDA DOS ADEPTOS DO CANDOMBLÉ

*Luiz Fábio Pinheiro Lima
Marcos Esdras Leite*

A pesquisa aqui apresentada decorre de visitas de campo no ano de 2019 em um terreiro de Candomblé da nação Angola no estado de Goiás, que teve por objetivo realizar uma pesquisa, contendo não só o assunto sobre quizilas, mas também questões sobre oferendas e ritos. A principal questão é compreender como as práticas alimentares criam relações com o sagrado, visualizando as relações sociais que constituem a cozinha de santo, abordando o tema das quizilas, isto é, das aversões ou alergias das divindades a algumas coisas. Diversas proibições dentro de uma casa de santo são designadas utilizando-se o termo quizila para designar as energias contrárias à energia positiva das divindades. Estas energias “negativas” podem estar em alimentos, cores, situações, animais e, até mesmo, na própria natureza. É uma forma de reação danosa que atinge as pessoas, não apenas causando algum mal estar físico, como também gerando algum transtorno na vida pessoal. Referem-se a proibições que não estão ligadas a momentos existenciais e sociais de passagem ou a questões de pureza ritual, mas que guiam o adepto na relação com o mundo dos orixás e com as cautelas que a relação lhe impõe. As interdições alimentares fazem parte do cotidiano das filhas e filhos de santo da grande maioria das casas de Candomblé. Nesse sentido, o multiverso se encontra dividido entre as coisas e ações que estão sujeitas a restrições e aquelas que não estão. A relação entre pessoas e quizilas é bem complexa, uma vez que são dois elementos de atividades dadas em um confronto entre condições particulares.

PALAVRAS-CHAVE: Quizilas, Candomblé, Práticas Alimentares, Cozinha de Santo, Restrições.

A MULTIPLICIDADE DO UNO: ICONOCLASTIA E ICONOFILIA NA COSMOLOGIA DAIMISTA

Mateus Henrique Zotti Maas

Se tomarmos como certa a asserção linguística de que o significado é estabelecido através da instauração de intervalos diferenciais, qual seria o lugar da diferença em cosmologias enfaticamente “monoteístas”? Cosmologias que advogam um elemento que precede todas

as significações. Qual é o lugar da multiplicidade em uma cosmologia que enfatiza a unidade? Esse é provavelmente um problema que todo monoteísmo tenha que lidar, e essa é uma questão de ampla recorrência na história ocidental, sem que eu precise aqui lembrar toda sua ressonância. Parto de uma leitura do conjunto mítico judaico-cristão e sua derivação no Santo Daime, especificamente a forma como este grupo lida com a diferença e multiplicidade. Sigo aqui a pista dada por Edmund Leach no texto *O Nascimento Virgem* (1983, p. 116-139), para quem, mais do que discussões inférteis sobre a natureza “física” ou puramente representativa e fabulosa do Nascimento Virgem, a asserção de que Deus tenha nascido milagrosamente de uma virgem esteja ligada a dados importantes sobre a “simbolização do tempo” e da “apreensão topográfica do mundo” dessa cosmologia. Se Cristo é o modelo individuativo, a assumpção de Maria, a Virgem enquanto figura mítica e religiosa, pode ser tomada enquanto modelo cósmico, ou seja, uma ideia fundamental do que seja a terra, o cosmos e a criação enquanto externalidade relativa.

PALAVRAS-CHAVE: Santo Daime, Iconoclastia, Iconofilia.

NEOXAMANISMO E CULTURA AYAHUASQUEIRA NO CONTEXTO URBANO DE DOURADOS: HABITANDO A PRAIA DOS DEUSES

*Andreas de Almeida Moura
Graziele Acçolini*

Este artigo pretende apresentar o projeto de pesquisa apresentado ao PPGAnt (Programa de Pós Graduação em Antropologia, Mestrado)/UFGD que tem por finalidade estudar a cultura ayahuasqueira e suas matizes neoxamânicas presentes nos rituais urbanos em grupos presentes em Dourados/MS. Mais especificamente a proposta é pesquisar o trabalho ayahuasqueiro celebrado no Centro Xamânico Praia dos Deuses, grupo vinculado à Oficina da Consciência, situado em Campo Grande/MS, que pratica e fomenta a ‘cultura’ xamânica e ayahuasqueira no Estado. O objetivo é levantar o histórico da prática neoxamânica na cidade de Dourados, tendo como foco participar/conhecer as práticas rituais do grupo citado, tendo como foco investigar/compreender como essas práticas e crenças compostas por, dentre outras, práticas xamânicas de sociedades indígenas amazônicas, o cristianismo, o Santo Daime, bem como elementos de religiões de matriz afro e também o movimento new age, congregam pessoas diversas, socioculturalmente, em rituais religiosos que tem como premissa o consumo da ayahuasca.

PALAVRA-CHAVE: Neoxamanismo, Ayahuasca, Dourados-MS.

RITUAIS PROFANOS: UMA ANÁLISE DA PRÁTICA DOS MEMBROS DO HEAVY METAL NOS SHOWS

Muryel Moura dos Santos

Em meados dos anos 1980, surgia as primeiras bandas de Heavy Metal que se destacavam nas mídias digitais pelos símbolos e performances em palco que entoavam verdadeiros rituais ao satanismo, subvertendo a lógica do sagrado – cristão – da sociedade ocidental. Na pesquisa desenvolvida no mestrado em Ciências Sociais, busquei investigar essas características no campo social do Heavy Metal, me debruçando sobre a prática dos membros (músicos e audiência) que frequentavam os espaços dos shows, notadamente, ocorridos na cidade de Campina Grande-PB. Identifiquei a partir dos shows, práticas que podem ser compreendidas enquanto subversivas (uso da cruz invertida, pentagrama e imagens de deuses e deusas pagãs orientais e ocidentais, seguidos de discursos anticristão), com isso entendi que estas características do grupo estavam relacionados tanto a quebra iconográfica do sagrado quanto a contestação do status quo. Neste artigo, busco apresentar como a ideia de subversão se realiza e de que forma tem limitações no empírico da prática, pois os papéis, funções e atividades na organização social desse grupo reproduzem a lógica da sociedade e nos indicam se tratar de um ritual de caráter rebelde e não revolucionário, porque existe contestação, porém sem transformação social. O objetivo desse artigo é apresentar como os membros do grupo ritualizam os shows de Heavy Metal e reproduzem a ordem social estabelecida. Para isso, recupero anotações do caderno de campo, do qual descende de momentos ordinários e excepcionais, acompanhando estes indivíduos e que destaca para nós como os membros apesar da profanação prestam reverência ao sistema social dominante.

PALAVRAS-CHAVE: Heavy Metal, Rituais, Subversão.

IMPACTO DA COVID-19 E AUMENTO DA PRODUÇÃO DE GARRAFADAS

*Karlene B. Oliveira
Kelly Pantoja*

Essa apresentação tem como principal objetivo relatar o impacto da Covid-19 no aumento da produção de garrafadas nos municípios de Belém – PA e São Paulo – SP como prevenção da expansão do vírus. Foi notório a procura pelas garrafadas por diversas pessoas, independente das suas religiões e crenças como meio para prevenir e remediar a covid-19, bem como alternativa de cura para as sequelas causadas por essa. As garrafadas já são conhecidas pelos povos tradicionais como medicina popular e utilizada para cura e prevenção de diversas doenças como: gripe, resfriado, úlcera, pedra no rim, miomas, entre outras. Em Belém-PA, nas barracas das mulheres de cheiro, a procura pelas garrafadas teve um aumento significativo, bem como nas TIs (Terras Indígenas) guarani mbya no município de São Paulo – SP em suas feiras de produções tradicionais. Desse modo, a preparação das garrafadas contextualiza o conhecimento das práticas do uso das plantas medicinais populares não somente em nível pandêmico, mas também em seus diversos usos para prevenção e cura de doenças. Lembramos que, em período de isolamento social,

a divulgação de plantas medicinais, como medicina alternativa, gerou a propagação de cursos online com pessoas dos povos tradicionais juntamente com algumas instituições para expandir o conhecimento sobre as plantas e a execução das garrafadas, bem como, uma nova fonte de renda para esses povos.

PALAVRAS-CHAVE: Plantas Medicinais, Cura, Prevenção, Pandemia, Povos Tradicionais.

RITUAIS DE FÉ: O MONGE JOÃO MARIA NO PARANÁ

Claudia Inês Parellada

A devoção ao Monge João Maria acontece no sul do Brasil, e em vários países das Américas, desde a metade do século XIX. Atualmente, no Paraná, são mais de 80 municípios que possuem fontes bentas, festas religiosas e procissões relacionadas à fé ao Profeta João Maria, sendo comemorado em 27 de março o dia estadual do Monge. As pontes para o sagrado foram iniciadas pelo italiano Giovanni Maria de Agostini (1801–1869), o primeiro de três monges considerados santos, que caminhou solitário pelas Américas. Permaneceu, entre 1845 e 1852, no sul do Brasil, pregando o respeito à natureza, abençoando olhos d'água, realizando práticas de cura com plantas, aconselhando ao povo, com críticas à escravidão e aos ataques a indígenas. Assassinado em 1869 nos Estados Unidos, era admirado pelas palavras, ações e fé, e temido pelos políticos. Outros monges o sucederam, tratados como fossem o primeiro, encantado, com aparências e narrativas parecidas junto aos camponeses e indígenas. O segundo, João Maria de Jesus, viveu no Paraná e Santa Catarina, entre 1886 e 1908, curando com ervas e benzendo. O terceiro, José Maria de Santo Agostinho, aparece em 1911, em Santa Catarina, dizendo-se irmão do primeiro. Curava com plantas e benzia, reunindo um exército de camponeses, chamados encantados, que enfrentou republicanos na Guerra do Contestado, falecendo na Batalha do Irani, em 1912. O estudo atual apresenta os rituais e os caminhos da fé, em diferentes regiões do Paraná, entrelaçados com as representações materiais e imateriais do Monge João Maria.

PALAVRAS-CHAVE: Religiosidade, Patrimônio, Monge João Maria.

POR TRÁS DAS GRADES E FORA DAS GRADES: UM ESTUDO ANTROPOLÓGICO SOBRE RESSOCIALIZAÇÃO NAS EXPERIÊNCIAS DE VIDA DOS DETENTOS DO CENTRO PENAL AGRO-INDUSTRIAL DA GAMELEIRA EM CAMPO GRANDE - MS (CPAIG)

*Jose Adauto Rocha da Silva
Asher G. Brum*

A recente crise do sistema prisional do país chamou a atenção da sociedade para a necessidade de recuperar adequadamente pessoas privadas de liberdade, ressocializando-

as e favorecendo sua inclusão social após o cumprimento da pena. Nesse contexto, pretendo estudar a situação de Mato Grosso do Sul com relação à ressocialização de detentos do sistema prisional. No decorrer deste ano, comecei meu trabalho de campo. Minha pesquisa etnográfica tem sido no “Projeto Nova Criatura”, projeto que possui dois albergues na área central de Campo Grande e recebe detentos que migram para o sistema aberto ou semi-aberto do sistema penal (AGEPEN). A filosofia do projeto é ressocializar os detentos que ali chegam, através dos métodos laborais, religioso e educacional. Desse modo, minha proposta é discutir e socializar minhas primeiras experiências etnográfica no “Projeto Nova Criatura”.

A RELIGIOSIDADE INDÍGENA E A DIMENSÃO ESPIRITUAL NA “NATUREZA SELVAGEM”

Marivaldo Aparecido de Carvalho

O sagrado na espiritualidade dos povos indígenas busca evocar a percepção de uma prática religiosa que se afasta de uma perspectiva antropocêntrica. Sabemos que o antropocentrismo é comum a várias culturas, mas a forma dicotômica entre natureza e cultura difundida pelo pensamento ocidental cria uma perspectiva de que só o ser humano possui a dimensão espiritual. Assim um dos pontos centrais desse trabalho de pesquisa é demonstrar como o pensamento religioso dos povos indígenas percebem a dimensão espiritual nas outras formas de vida. Para tanto compreendemos que há uma conexão entre o “sagrado” e o “selvagem”, investigar essa conexão é fundamental para compreendermos os mecanismos socioculturais dos povos indígenas, que mesmo morando em aldeias urbanas ou longe de seus territórios originários buscam através de uma “espiritualidade selvagem” afirmarem sua cosmovisão. O sagrado se vincula ao não privado, pois o privado não permite a partilha, assim o sagrado e o selvagem são “lugares” compartilhados. Neste sentido a partilha se coloca como o ethos de uma “espiritualidade selvagem”: partilha dos humanos com os não humanos e dos humanos com os humanos.

PALAVRAS-CHAVE: Espiritualidade indígena, Natureza Selvagem, Sagrado, Partilha.

A BRINCADEIRA NÃO PODE ACABAR: NEM TODO DIA É DIA DE FESTA ENTRE OS CURURUEIROS DE CORUMBÁ E LADÁRIO/MS

*Edivania Freitas de Jesus
Wanessa Pereira Rodrigues*

No passado, nos municípios de Corumbá e Ladário/ MS, a presença de cururueiros em festas de santos, aniversários, momentos de lazer nas comunidades, comemorações do poder público entre outras eram garantidas. As rodas de cururu e siriri refletiam o entretenimento e a religiosidade no cotidiano dos moradores. Com o passar do tempo, essa prática passou por diversas transformações. Os cururueiros são detentores do saber

registrado como patrimônio cultural imaterial brasileiro em 2005: o modo de fazer a viola de cocho. Após 16 anos desse registro, esses mestres enfrentam inúmeros desafios para a continuidade de suas práticas culturais, desde dificuldade em terem acesso à matéria-prima (madeira) para confeccionarem seu instrumento artesanal (viola de cocho), a conseguirem se reunir com os companheiros para tocarem e dançarem o Cururu e Siriri. Nesse sentindo, esse trabalho tem por objetivo apresentar parte dessas transformações apontadas por eles e propor discussões acerca da importância da preservação e salvaguarda dessa tradição.

PALAVRAS-CHAVE: Cururu, Viola de Cocho, Patrimônio Cultural.

A EXISTÊNCIA MISTERIOSA DAS ESTATUETAS ANTROPOMORFAS DE MADEIRA ENTRE OS EJIWAJEGI-KADIWÉU: ÍDOLOS, SANTOS, BONECAS OU INSÍGNIAS FAMILIARES?

Francesco Romizi

Um tipo de artefato ejiwajegi-kadiwéu, tão interessante quanto pouco estudado, é representado por algumas pequenas esculturas de madeira, com forma humana; elas vêm sendo documentadas há mais de um século pelos “brancos” que entraram em contato com os membros desse povo sul-mato-grossense de língua guaicuru. O que mais chama a atenção delas é sua admirável capacidade de fugir de todo esforço classificatório. Com efeito, na literatura etnográfica encontramos um amplo consenso sobre a indeterminação de seu uso e função; uma incerteza difusa e prolongada que levanta muitas questões. Não podemos definir com certeza se se trata de um objeto ritual, utilizado num domínio sagrado, seja ele animista ou cristão, ou ao contrário de uma boneca usada pelas crianças num contexto de relações e atividades muito mais profano. Também, não temos elementos suficientes para colocar sua origem nas profundezas de uma tradição ameríndia, nem para situá-la ao longo de uma trajetória histórica de encontros com o não indígena. A única quase-certeza que temos é a provável insolubilidade do mistério que envolve essas imagens. No entanto, a incerteza constitutiva de toda abordagem etnográfica desses artefatos nos coloca diante de um último e fundamental dilema: ela depende de uma escassa penetração na sociedade ejiwajegi-kadiwéu, ou seja, da uma falha etnográfica? Ou, longe disso, tem mais a ver com a natureza intrinsecamente relacional das mesmas e, em última análise, dos principais operadores lógicos do pensamento ameríndio? Em nosso trabalho, apresentamos alguns olhares etnográficos sobre essas imagens, assim como as grandes questões que elas carregam.

PALAVRAS-CHAVE: Ejiwajegi, Kadiwéu, Ameríndios, Bonecas, Estatuetas.

JUVENTUDE INDÍGENA: OLHARES SOBRE ‘CELEBRAÇÕES’ E ‘LOUVORES’ NA IGREJA 1ª CONGREGAÇÃO

*Lílian Luana da Silva
Graziele Acçolini*

O presente artigo é fruto de uma pesquisa iniciada no curso de Ciências Sociais (Iniciação Científica/UFGD) cujo objetivo inicial foi abordar a etnia Terena, particularmente os membros da igreja 1ª Congregação Presbiteriana, localizada na aldeia Jaguapirú, Reserva Indígena de Dourados/MS, tendo em vista que a formação, consolidação e continuidade dessa igreja se deveu/deve a influentes lideranças dessa etnia presentes na aldeia. Já no Mestrado em Antropologia (PPGAnt/UFGD), a pesquisa se concentrou no grupo de jovens indígenas de tal igreja que, além dos Terena, agrega membros das etnias Kaiowá e Guaraní também habitantes da área indígena. Especificamente, o trabalho etnográfico se voltou à participação dos jovens indígenas na formação de lideranças Terena e seu protagonismo político a partir desse espaço religioso. O artigo pretende apresentar tal atuação através do relato de ‘celebrações’ e ‘louvores’ gestados e realizados por esse grupo de jovens, a fim de apontar para a relevância que possuem não só para a igreja em si, mas, sobretudo para a construção de líderes intra e extra aldeia.

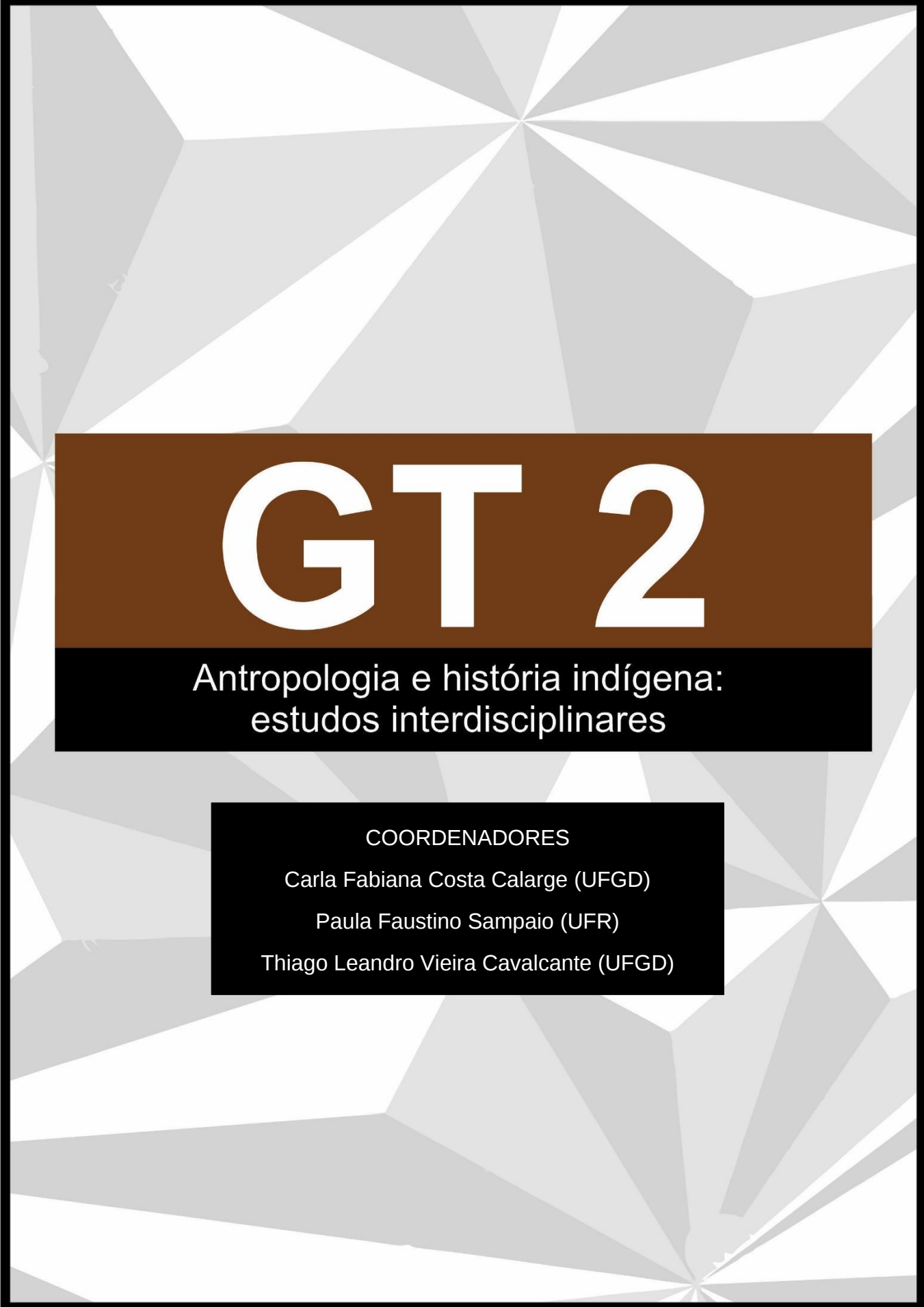
PALAVRAS-CHAVE: Juventude Indígena, Terena, 1ª Congregação.

RELIGIÕES E RELIGIOSIDADES NA ALDEIA BURITI - T.I. BURITI/MS

Graziele Acçolini

Este projeto pretende abordar a temática que envolve as religiões e religiosidades entre os Terena da Terra Indígena Buriti no município de Dois Irmãos do Buriti, MS, particularmente as manifestações que ocorrem na aldeia Buriti. Especificamente, a pesquisa se centrará no xamanismo terena, seus xamãs (koixomunetí) conhecidos em português como purungueiros e a interface com o catolicismo, tendo em vista ser a aldeia Buriti majoritariamente católica. Desejo enfatizar a questão religiosa como problemática analítica de uma situação mais abrangente, pois creio que o estudo das religiões/religiosidades, permite alcançar o campo permanente das criações e reelaborações, como ocorre com os Terena nas aldeias do pantanal de Mato Grosso do Sul, além de poder indicar as relações que se estabelecem entre as etnias envolvidas e a sociedade regional. A pesquisa etnográfica será o caminho primordial a ser seguido, bem como os vários estudos que enfocaram os Terena.

PALAVRAS-CHAVE: Terena, Religiões/Religiosidades, Xamanismo.



GT 2

Antropologia e história indígena:
estudos interdisciplinares

COORDENADORES

Carla Fabiana Costa Calarge (UFGD)

Paula Faustino Sampaio (UFR)

Thiago Leandro Vieira Cavalcante (UFGD)

OGLALA LAKOTA E OS KAIOWÁ E GUARANI. A INDIRECT RULE NOS EUA E NO BRASIL

Marco Antonio Delfino de Almeida

O presente trabalho apresenta o conceito de indirect rule ou governo indireto formulado para aplicação nas colônias africanas durante o colonialismo do século XIX e discute sua aplicação pelo Estado colonial brasileiro por meio do Serviço de Proteção ao Índio no Brasil (SPI) bem como pelos Estados Unidos por intermédio do BIA (Bureau of Indian Affairs), o órgão indigenista americano. Tal aplicação se deu por meio da imposição de lideranças nas reservas indígenas criadas pelo SPI bem como pelo BIA. Esse modelo se materializou na figura do capitão a quem, na condição de indígena, cabia impor aos demais as diretrizes emanadas do SPI, configurando-se então uma forma de governo indireto, também característica do colonialismo interno. Nos EUA, a imposição de uma liderança “eleita” se seguiu ao Indian Reorganization Act (IRA) que, supostamente, visava substituir o agente estatal por um representante indígena eleito supervisionado pelo BIA. A imposição da estrutura colonial em sociedades indígenas cuja organização social se funda em famílias extensas como os Kaiowá e Guarani ((Te’ýi) bem como os Oglala Lakota (tiyospaye) teve o potencial de incrementar conflitos internos que acarretam a utilização de uma estrutura repressora interna, que substitui os mecanismos tradicionais de resolução de conflitos. Esta estrutura foi representada pela “Polícia Indígena” nos Kaiowá e Guarani e pelos Guardians of the Oglala Nation (Guardiões da Nação Oglala), no início dos anos 70 nos Oglala Lakota.

PALAVRAS-CHAVE: Colonialismo, Kaiowá, Guarani, Oglala, Capitão.

A EDUCAÇÃO SALESIANA ENTRE INDÍGENAS BORORO: ESTRATÉGIAS DE RESISTÊNCIA

Carla Fabiana Costa Calarge

A presença missionária salesiana na região do atual Mato Grosso e sua instalação na região a partir de 1894 desencadeou consequências positivas e negativas para o povo bororo do ponto de vista cultural. Se a organização religiosa viabilizou a sobrevivência de algumas comunidades, a intervenção em aspetos da organização espacial também é digna de críticas que têm sido endereçadas aos missionários ao longo de todo o século XX. A interação entre salesianos e jovens meninos indígenas que foram acolhidos nas missões caminharam em sentido diverso daquele repetido por outras estratégias na região ou por outros grupos religiosos, rompendo com essencialização da filosofia salesiana na prática cotidiana do contato. Esta pesquisa busca lançar um olhar aproximado da relação entre indígenas bororo e missionários salesianos, nos primeiros anos de fundação da Colônia Sagrado Coração, revisitando as estratégias desses dois grupos e como elas se transformaram diante do cotidiano de contato. A partir da abordagem etno-histórica, procuro demonstrar as estratégias de resistência do povo bororo e os marcadores de diferença estabelecidos por eles, mesmo entre as crianças, principais alvos da educação civilizatória dos salesianos.

PALAVRAS-CHAVE: Bororo, Identidade, Educação Intercultural, Etno-história, Resistência.

PESQUISA ETNO-HISTÓRICA E A GARANTIA DE DIREITOS PARA OS POVOS INDÍGENAS

Thiago Leandro Vieira Cavalcante

O Direito Constitucional brasileiro, assim como várias normas infraconstitucionais, tratados e convenções internacionais, assegura vários direitos para os povos indígenas no Brasil. Tratam-se de direitos territoriais, sociais e culturais que abrangem diversas políticas públicas. Entretanto, não é raro que tais direitos entrem em conflito com outros direitos constitucionais e tampouco que sejam negados, principalmente pelo Estado. Diante disso, não é incomum a judicialização de tais direitos. Na judicialização, a produção de provas é fundamental para o sucesso no litígio e as perícias são peças fundamentais. Diante desse contexto, a pesquisa etno-histórica adquire importância fundamental, seja durante a elaboração de relatórios administrativos ou na elaboração de perícias judiciais. Este trabalho pretende discutir a importância da incorporação dos métodos da pesquisa etno-histórica, para além da exclusiva pesquisa etnológica, na elaboração de tais estudos. Entende-se que a utilização dos métodos historiográficos, em associação com a etnografia/etnologia, pode ser bastante eficaz para a elaboração de estudos administrativos, como os Relatórios de Identificação e Delimitação de Terras Indígenas, por exemplo, e de perícias antropológicas, inclusive naquelas que extrapolam a discussão territorial, como nos casos de Ações Penais, com réus indígenas, por exemplo.

PALAVRAS-CHAVE: Etno-história, Direitos Indígenas, Metodologia.

ETNOASSOCIATIVISMO TERENA: A AGROECOLOGIA DAS CULTURAS

*Pedro Sérgio Dantas da Silva Carvalho
Antonio Hilario Aguilera Urquiza*

O associativismo indígena é fato que se verifica em constante crescimento, desde a década de 1970 para os dias atuais o número de associações indígenas só tem aumentado. Verifica-se que a constituição de organizações jurídicas focadas nas especificidades de cada povo tornou-se ferramenta de resistência dos povos originários, que através dessas associações buscam a garantia de seus direitos culturais e territoriais. Em contato com um grupo de famílias Terena de determinada associação que realiza atividades de agroecologia na região do Pantanal Sul-mato-grossense percebi que suas formas organizacionais, por mais que limitadas pelo aparato legislativo do Estado ainda sim faziam correspondências com as formas tradicionais de organização. Essa constatação é parte da pesquisa de mestrado que desenvolvo com o grupo de famílias Terena. Neste recorte específico busco discutir a partir dos conceitos e métodos da etno-história a possibilidade da construção de um conceito de etno-associativismo, que represente a categoria de grupos sociais que se associem a partir de parâmetros culturais próprios,

êmicos, retirados da própria etnia ou em contexto de construção da mesma. A interdisciplinaridade da pesquisa é ferramenta própria da antropologia e a partir dela busca-se a construção de conceitos que melhor represente o campo. Entender a particularidade do associativismo praticados pelos povos tradicionais é instrumento necessário para a proteção de seus direitos culturais e territoriais, além de possibilitar compreender os mecanismos de resistência traçados durante a história.

PALAVRAS-CHAVE: Etnoassociativismo, Cultura Terena, Etno-história.

OUTRO DOS ÍNDIOS: A ORIGEM DOS BRANCOS E DAS MULHERES NOS MITOS DO CHACO

Guilherme G. Felipe

Pretendo trazer ao debate as narrativas mitológicas como fonte para possíveis leituras a respeito da forma como agiram os grupos indígenas frente ao avanço colonial. Partido da ideia de que o Chaco foi uma fronteira de difícil penetração em decorrência dos conflitos armados entre índios e colonos, busco encontrar nos mitos chaquenhos elementos que possam colaborar para o entendimento das ações indígenas. Propõe-se analisar os registros produzidos por missionários no século XVIII entre os índios do Chaco, que apresentem fragmentos de narrativas mitológicas desses grupos. Estes registros serão analisados sob a teoria do estruturalismo de Lévi-Strauss de forma a identificar-se neles a ocorrência das oposições binárias enquanto mecanismo lógico de construção das relações com o outro. Alguns mitos de origem chaquenhos assemelham-se por geralmente possuírem dois mundos específicos como cenários interligados por algum elemento-ponte que comunica as duas realidades. Estas narrativas mitológicas tratam, portanto, do momento em que há uma transgressão de fronteiras e, por consequência, o rompimento entre os mundos. Assim, as narrativas mitológicas sobre a origem do homem branco e das mulheres fornecerão alguns dados para se pensar a guerra e a troca indígenas.

PALAVRAS-CHAVE: Chaco, Século XVIII, Mitologia.

CONVERGÊNCIAS ENTRE ETNO-HISTÓRIA E ESTUDOS DE GÊNERO

Paula Faustino Sampaio

Esta comunicação visa apresentar convergências teóricas e práticas entre a etno-história como método interdisciplinar e os estudos de gênero, considerando a problemática das transformações dos sistemas de gêneros dos povos indígenas ocasionadas no contexto da ordem colonial moderna. Nos últimos anos, a introdução do entendimento sobre dominação colonial por meio de um padrão de gênero tido como superior no movimento crítico ao projeto de história hegemônico trouxe para o debate teórico e prática provocações visando o desvelamento do patriarcado e sua função no projeto de dominação e exploração na América a partir de 1492. Por sua vez, a metodologia da etno-

história, ao enfatizar o estudo crítico do projeto moderno/colonial, tem como fundamental destrinchar a colonialidade no/do discurso histórico. Assim, tendo em vista o campo epistemológico, são abordagens que ao abarcar as reflexões sobre os processos de imposição de poder em face as agências de resistência atuam na análise crítica dos projetos e das políticas por meio da compreensão do paradigma a que pertencem. De forma ampla, visam desmontar o discurso histórico que naturalizam as violências do processo colonialista.

PALAVRAS-CHAVE: Etno-história, Estudos de Gênero, Colonial/Moderno.



GT 3

Trabalho, consumo e significado num
mundo em transformação

COORDENADORES

Ricardo Cruz (PPGAS- UFMS)

Ivani Marques da Costa Grance (UFMS)

O CONSUMO DO TURISMO NA SOCIEDADE DA SATISFAÇÃO IMEDIATA: O PAPEL DOS *DIGITAL INFLUENCERS* E A VENDA IMAGÉTICA DA VIDA PERFEITA

Sabrina Sales Araújo

O presente trabalho objetiva apresentar um estudo inicial acerca da nova configuração do capitalismo e do consumo a partir da década de 1980, identificando o seu impacto no segmento turístico, através da análise de uma conta de um digital influencer com mais de 700 mil seguidores, cujo perfil é focado em turismo e estilo de vida, na rede social Instagram. O reencantamento da natureza vista como refúgio e resolução dos problemas da vida urbana que tem ocorrido desde o século XIX e impulsionado o mercado turístico, vive atualmente um momento de adequação ao novo modelo de consumo marcado pelo imediatismo fugaz, que tem sido, por sua vez, impulsionado pelo consumo de conteúdos produzidos pelos chamados digital influencers, que persuadem diretamente o desejo de aquisição de seus usuários, através das redes sociais, onde promovem um estilo de vida de liberdade, autonomia, autenticidade e gozo da vida por meio de experiências turísticas.

PALAVRAS-CHAVE: Consumo, Turismo, *Digital Influencer*, Redes Sociais.

ARTE DE RUA NA CIDADE DE CAMPO GRANDE: NARRATIVAS SOBRE SEU MODO DE OCUPAÇÃO

*Beatriz Silva Bogarim
Guilherme Passamani Rodrigues*

Este trabalho é fruto do projeto de pesquisa intitulado: Os modos de ocupação das ruas na cidade de Campo Grande, por meio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/2020-2021). A pesquisa apresenta narrativas e experiências que partem de artistas do lambe-lambe, grafite e do teatro de rua, de modo a refletir como a arte urbana coexiste nas ruas da cidade de Campo Grande, Mato Grosso do Sul. Nesse sentido, por um viés qualitativo, foram realizadas entrevistas online (Google Meet) com questões semiestruturadas e inserção no campo através das redes sociais dos interlocutores. Sendo a arte e suas formas de ocupações nas ruas, analisada a partir das relações e das identificações em que os sujeitos envolvidos nesse cenário constroem. Lançando mão da rua como diagnóstico fundamental da qualidade de vida urbana e característica de uma cidade (SIEBER, 2008). Em debate, as experimentações da arte de rua, ocupa os lugares em três dimensões: social, cultural e espacial (FILOMENA, NEVES, 1990). Dentro disso, uma linha contínua entre o deslocamento e a produção é pensada. Por fim, pretendo apresentar, os artistas de rua em decorrência do advento da pandemia do COVID-19, como esse momento afetou o seu trabalho, elencando problemas econômicos, dificuldades e o impasse entre respeitar o distanciamento social e a necessidade de habitar as ruas com sua arte.

PALAVRAS-CHAVE: Cidade, Ocupação, Arte de rua.

O TRABALHO COMO PRINCÍPIO EDUCATIVO: A FORMAÇÃO PROFISSIONAL EM UMA INSTITUIÇÃO PÚBLICA DE CAMPO GRANDE/MS SOB A ÓTICA DA ANTROPOLOGIA DO TRABALHO

*Ariela Castelani
Ricardo Luiz Cruz*

A formação profissional para o mundo do trabalho acontece hoje em contexto de contradições e conflitos onde o próprio capitalismo passa por transformações. O trabalho como princípio educativo, analisado à luz da antropologia do trabalho, nos possibilita pensar em processos que transitam no campo da sociologia e antropologia e não somente em conceitos metodológicos ou de técnicas didáticas de construções da aprendizagem. Segurança, direitos, previsibilidade, carreira, estabilidade e longo prazo já não são fatores almejados pelas pessoas em suas relações de trabalho, não porque elas não queiram, mas porque o sistema que se apresenta mostra um novo sentido à vida e às relações sociais. Essa lógica tem novos focos: apontam para o desenvolvimento de habilidades cognitivas e comportamentais que estruturam novas narrativas para os sujeitos. A vida social já regulada pela economia, também é regulada pelas relações de trabalho que se tornam mais flexibilizadas e precarizadas. O objetivo é compreender como essas transformações tem afetado a educação profissional pública, especificamente no Instituto Federal de Mato Grosso do Sul - Campus Campo Grande, que tem como missão formar profissionais humanistas para o mundo do trabalho. As entrevistas com membros da comunidade acadêmica serão estruturadas junto com revisão bibliográfica do tema. A proposta metodológica é compreender como essas mudanças nas estruturas sociais estão ocorrendo no cotidiano da instituição e como elas estão sendo narradas dentro desse território.

PALAVRAS-CHAVE: Formação Profissional, Trabalho, Mudança Social.

AValiação NOS APLICATIVOS DE SERVIÇOS: AS TRANSFORMAÇÕES NO TRABALHO E NO CONSUMO

Ranielly Silva Leite

Com o advento da tecnologia, os aplicativos de transporte e entregas facilitaram as interações entre prestadores de serviço e consumidores, formando um novo tipo de gerenciamento do trabalho e do consumo. O sistema de avaliação dos consumidores nos aplicativos, se apresenta com importância significativa, se convertendo tanto em fonte de certificação da qualidade do serviço para novos consumidores, quanto como parte do controle dos trabalhadores, já que as avaliações são responsáveis pelo ranqueamento do serviço nos aplicativos. Nessa perspectiva, a intenção é trazer reflexões sobre as transformações que as avaliações nos aplicativos de serviços de transporte e delivery, ocasionam na forma de consumir e nas novas configurações do trabalho. Dessa maneira, a metodologia escolhida foi de caráter exploratório, através de entrevistas semiestruturadas, realizadas de forma online, com consumidores e prestadores de serviço dos aplicativos Uber e Ifood, de Campo Grande -MS.

PALAVRAS-CHAVE: Consumidor, Aplicativos, Delivery.

COVID-19, SOLIDÃO E PROBLEMAS (SENTI)MENTAIS: A QUARENTENA COMO FATOR PROPULSOR DO CONSUMO DE TERAPIA DIGITAL

Milena Geisa dos Santos Martins

Devido ao alto número de pessoas acometidas pela depressão no mundo, desde o ano de 2017, mais de 10.000 aplicativos voltados à saúde mental, encontram-se disponíveis para download através de smartphones (TOROUS, ROBERTS; 2017). No Brasil, o número de usuários tornou-se ainda maior devido a pandemia de COVID-19. Segundo dados da Play Store, o mais utilizado, em território nacional, é Cíngulo Terapia Guiada – com mais 1 milhão downloads. Por isso, o elegi como meu objeto de estudo. A respeito dele, meus objetivos são: 1) identificar as razões pelas quais os sujeitos começaram a consumir terapia digital a partir de Mhealth destinado ao monitoramento da saúde mental; 2) descobrir o que há por trás da utilização do mesmo. É importante destacar que, como percurso metodológico para entender tais questões, escolhi utilizar: 1) netnografia e entrevista, para interpretar a relação dos usuários com o aplicativo; 2) o Plugin PoliDroid-As (SLAVIN et al.; 2017), para investigar se o Cíngulo cumpre todos os termos de privacidade ou vende os dados de seus clientes. Suspeito que este Mhealth seja mais um produto da sociedade capitalista, orientado ao Capitalismo de Vigilância (ZUBOFF; 2015). Por isso, defende que o mesmo deve ser pesquisado, e problematizado, para fomentar discussões pertinentes, à Antropologia do Consumo e à Antropologia da Saúde, ainda que estejam encobertas pela névoa das constantes transformações tecnológicas.

PALAVRAS-CHAVE: Antropologia do Consumo, Antropologia da Saúde, *Mhealth*, Cibervigilância, Capitalismos de dados.

ESTRATÉGIA CORPORATIVA E ANTROPOLOGIA: CONHECIMENTO ANTROPOLÓGICO PARA COMPREENSÃO DO COMPORTAMENTO DO CONSUMIDOR NO MERCADO CHOCOLATES PREMIUM NO BRASIL

Alisson de Souza Pereira

A antropologia em sua aplicação no ambiente corporativo possui inúmeros desafios, em especial, para especialistas em antropologia do consumo. No atual momento histórico, no qual as empresas se valem de ciência de dados para tomada de decisão em negócios, muitas são as informações geradas sobre o comportamento do consumidor em diversas fontes. Porém, ainda são poucos os profissionais que se utilizam do background de antropologia para realizar a interpretação destes dados. Este trabalho deseja apresentar como um profissional de antropologia atua na criação, condução e interpretação de pesquisas qualitativas e quantitativas no mercado premium de alimentos no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Consumo, Antropologia, Pesquisa, Trabalho.

TRABALHO E TURISMO NO PANTANAL EM TEMPOS DE PANDEMIA

Mara Aline Ribeiro

As compreensões sobre o mundo do trabalho com o turismo estão passando por rápidos processos de transformações, sobretudo, em tempos da pandemia da Covid-19. Quando se faz uma relação com a prática turística em ambientes considerados naturais, a dinâmica potencializa, por isso, nessa proposta, o Pantanal se destaca nas análises sobre o turismo porque possui dois importantes produtos turísticos, o turismo de pesca esportiva e o turismo contemplativo, que atrai milhares de turistas. A infraestrutura para atender os/as turistas é composta por barcos-hotéis, ranchos de pesca e pousadas, as quais necessitam de trabalhadores/as qualificados/as para atender a demanda de turistas, são piloteiros/as, guias de campo, camareiras/os, cozinheiras/os, administradores/as, dentre outros/as. Essas ideias são desenvolvidas como parte da pesquisa “As geografias produzidas na cotidianidade do Pantanal”, em desenvolvimento há, pelo menos, 5 anos. Por se tratar da maior planície de inundação do mundo, é importante estabelecer uma delimitação espacial para a análise, qual seja, o trabalho com turismo na Estrada-Parque-Pantanal. Diante da pandemia da Covid-19 que assolou o mundo todo, promovendo uma retração em, praticamente, todas as atividades econômicas o objetivo do trabalho é compreender as implicações da pandemia no trabalho de homens e mulheres na atividade turística do Pantanal, o caminho metodológico conta com levantamentos estatísticos atualizados da Covid-19, entrevistas on line com trabalhadores/as do turismo, agentes públicos municipais e estaduais, justificadas pela impossibilidade de realizar trabalho de campo durante a pandemia, além de constante revisão bibliográfica. O referencial teórico está pautado na ciência geográfica, permeado por saberes da economia, da sociologia, da antropologia e do turismo.

PALAVRAS-CHAVE: Trabalho, Pantanal, Turismo.

OS SENTIDOS DA AUTONOMIA: UMA ANÁLISE SOCIOLÓGICA SOBRE A FLEXIBILIZAÇÃO DO TRABALHO ENTRE OS MOTORISTAS DE APLICATIVO DE CAMPO GRANDE – MS

Amanda Yumi Miyazato de Souza

Ricardo Luiz Cruz

A presente pesquisa reúne informações de caráter investigativo com o intuito de analisar a tríade: flexibilidade, autonomia e empreendedorismo, presente no trabalho dos motoristas de aplicativo na cidade de Campo Grande-MS. O objetivo da pesquisa é compreender como a autonomia do trabalho é vivida pelos motoristas de aplicativo. Nesse caso, busca analisar como eles veem o ambiente de trabalho: como um meio exploratório da mão-de-obra ou como uma oportunidade de ascensão social. Para além, busca-se analisar os aspectos positivos e negativos a partir do ponto de vista do trabalhador, uma vez que este fator tem poder significativo sobre a forma como se adequam ao sistema ou se impõe contra ele. Ademais, pretende-se entender como se apresentam as novas formas

de controle e disciplina no ambiente de trabalho e questiona-se a presença de um órgão que regulamente e exponha os direitos trabalhistas, apresentado sob o viés dos motoristas.

PALAVRAS-CHAVE: Flexibilização, Precarização, Campo Grande (MS).

AS ESPECIFICIDADES DOS/DAS TRABALHADORES/AS BOLIVIANOS/AS ATENDIDOS/AS NO CENTRO DE REFERÊNCIA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL - CRAS ITINERANTE - NA CIDADE FRONTEIRIÇA DE CORUMBÁ/MS

*Natália Bugginga Ramos da Costa Sachini
Mara Aline Ribeiro*

A região fronteira é preta de contrastes e contradições que envolvem, dentre vários elementos, uma população com expressiva vulnerabilidade socioeconômica e distintas relações sociais, culturais, econômicas e políticas. Nesse universo, o trabalho do/a profissional do Serviço Social, na fronteira Brasil/Bolívia, entre as cidades de Corumbá e Puerto Quijarro, junto à população que procura a assistência social na Prefeitura Municipal de Corumbá promove especificidades na dinâmica de trabalho desses/as profissionais. A demanda em foco desta pesquisa consiste nas especificidades dos bolivianos/as atendidos/as no Centro de Referência de Assistência Social – CRAS Itinerante – delimitação espacial da pesquisa, entre os anos de 2015 e 2020, trata-se de órgão público gerenciado pela Secretaria Municipal de Assistência Social e Cidadania de Corumbá. Nesse contexto, a fronteira torna-se um campo fértil para a pesquisa devido ao fluxo de trabalhadores bolivianos que apresentam necessidades das mais distintas à assistência social brasileira. Este trabalho tem como objetivo geral “Compreender as especificidades dos trabalhadores bolivianos atendidos no CRAS Itinerante em Corumbá/MS”. O caminho metodológico contou com entrevistas semiestruturadas, com dados quantitativos analisados qualitativamente à luz do Serviço Social, permeados por conhecimentos interdisciplinares que envolvem os estudos fronteiriços, conceitos sobre o trabalho precarizado, as políticas públicas, a geografia, antropologia, dentre outros. A pesquisa revelou que a imigração de bolivianos/as na busca por trabalho tornou-os vulneráveis a ocupações laborais e relações de trabalho precarizadas, de ambulantes e sem garantias previdenciárias manifestando assim a lógica do capitalismo contemporâneo. Estes, são usuários/as dos serviços socioassistenciais e comumente recorrem a algum benefício para manutenção da sobrevivência.

PALAVRAS-CHAVE: Trabalho, Fronteira, Serviço Social.

PESCADORES DE ISCAS VIVAS: NOVOS ARRANJOS SOCIAIS E DO TRABALHO NO PANTANAL DE MATO GROSSO DO SUL

*Danilo Cezar de Jesus Santos
Álvaro Banducci Júnior*

O presente trabalho de enfoque antropológico, objetiva discutir as transformações que vêm ocorrendo na atividade de coleta de iscas vivas, no Pantanal Sul-Mato-Grossense, especificamente na comunidade do Passo da Lontra, município de Corumbá/MS. A pesquisa abordou o trabalho dos “pescadores de iscas vivas”, uma atividade que possui importância econômica e social na região, promovendo trabalho e renda para os pescadores e suas famílias. A atividade de coleta de iscas vivas se relaciona diretamente com duas cadeias produtivas: a da pesca profissional e do turismo de pesca, envolvendo agentes tais como pescadores profissionais e esportivos; pescadores de iscas vivas; comerciantes e “atravessadores” de iscas vivas; proprietários das áreas de coleta e/ou o Estado. O propósito do trabalho foi investigar o modo como o turismo na região, associado a uma legislação sobre a pesca profissional e esportiva nos rios pantaneiros tem interferido na organização do trabalho e no cotidiano dos pescadores de iscas da região.

PALAVRAS-CHAVE: Pantanal, Pesca, Turismo, Pescadores de Iscas Vivas.

O TRABALHO NO COMÉRCIO FRONTEIRIÇO EM TEMPOS DE PANDEMIA DA COVID-19

*Divania de Souza da Silva
Mara Aline Ribeiro*

A pandemia da covid-19, repentinamente, promoveu uma série de retração econômica por todo o mundo. O fechamento das fronteiras interrompeu a circulação de pessoas entre os diferentes países e alterou a dinâmica das especificidades do viver fronteiriço. Esse trabalho tem como delimitação espacial a fronteira Brasil/Bolívia entre as cidades de Corumbá/BR e Puerto Soares/BO, onde será feita uma análise comparativa do movimento comercial entre os anos 2019 e 2020 (delimitação temporal) a partir do advento da pandemia. O objetivo é “apresentar as estratégias aplicadas e as dificuldades enfrentadas pelos/as trabalhadores/as do comércio varejista da cidade de Corumbá/MS em tempos de pandemia da Covid-19”. Para tanto, a metodologia conta com análise quantitativa em referência ao número de trabalhadores que perderam o emprego, a nacionalidade, além do número de lojas em ambos países que encerraram as atividades no período da pandemia. As informações serão obtidas por meio de pesquisas em órgãos oficiais com o levantamento de dados sobre as estratégias de vendas e de manutenção da atividade comercial de Corumbá/MS. A coleta de dados será realizada através de entrevistas on line com lojistas, comerciários/as, representantes da Associação do Comércio e Indústria de Corumbá/MS, Sindicato do Comércio Varejista de Corumbá/MS, Junta Comercial do Estado do Mato Grosso do Sul e a Federação do Comércio de Bens e de Serviços do Estado do Mato Grosso do Sul. O referencial teórico se respalda nos estudos fronteiriço, permeados pela antropologia, geografia, sociologia, dentre outros.

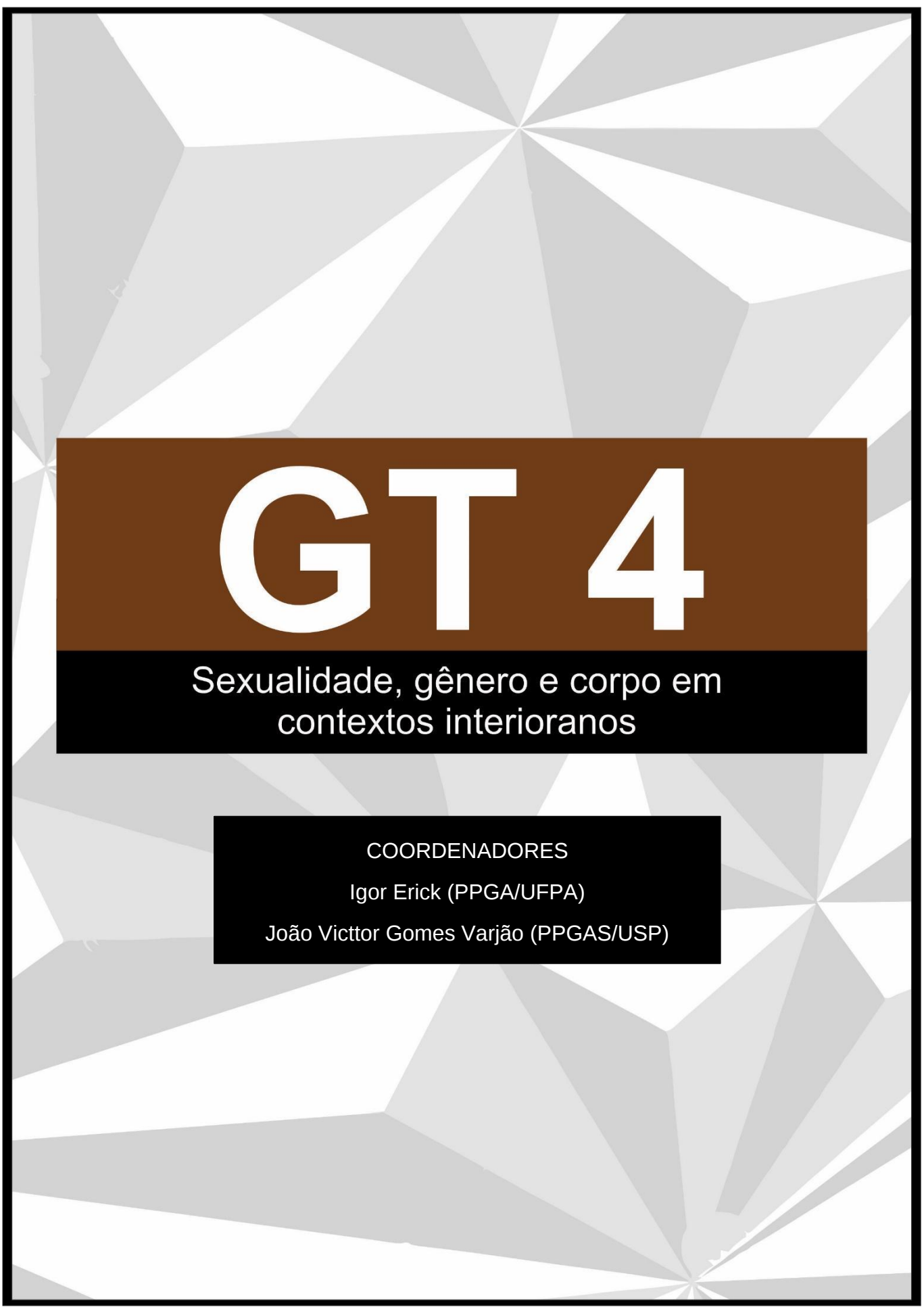
PALAVRAS-CHAVE: Pandemia, Comércio Varejista, Fronteira, Trabalhadores/as.

**“EU TENHO QUE PEGAR PENSÃO, REBITAR O JACO E COMPRAR DISCOS”:
CIRCULAÇÃO DE OBJETOS ENTRE PUNKS EM SITUAÇÃO DE
TRABALHO PRECARIZADO EM CURITIBA E PORTO ALEGRE, SOB A
PERSPECTIVA DE MARCEL MAUSS**

Tatiana de Oliveira

Surgido em meados da década de 1970, o *punk* adquiriu diferentes significados e foi apropriado de inúmeras formas ao longo do tempo. A expressão “faça você mesmo” se tornou um mote capaz de sintetizar a possibilidade de formação de bandas, elaboração de material de comunicação, organização de eventos, customização do vestuário e ocupação de espaços para moradia, de modo a dar conta das necessidades e desejos. Neste contexto, há um incentivo e valorização do consumo daquilo que é próprio da cultura, como uma forma ativa de apoiar suas produções. Parto deste cenário abrangente para olhar especificamente para determinado grupo: *punks* em situação de desemprego ou trabalho precarizado e intermitente. Com o objetivo de perceber relações e simbolismos envolvidos na produção e circulação de objetos, e mais especificamente de que forma tais práticas ocorrem, realizei etnografia com observação participante e entrevistas em Curitiba e região metropolitana de Porto Alegre, entre 2018 e 2020. Transitando entre o sentido do trabalho estruturado pelo capital e a centralidade do *punk* em suas vidas, estas pessoas, trabalhando como artesãos, cuidadores de carros ou entregadores de comida por aplicativo, não deixam de produzir e promover a circulação de camisetas, *fanzines*, adesivos, música, álbuns e *shows*. A compreensão de Marcel Mauss sobre sistemas de trocas embrenhados em dimensões simbólicas fornece elementos para um diálogo com as transações encontradas em campo. Envoltas em afetos, a circulação de objetos é mediada pela pertença, colocando o valor mercantil em segundo plano e situando as pessoas no próprio *punk*.

PALAVRAS-CHAVE: Precarização, Trocas simbólicas, Circulação, *Punk*, Faça você mesmo.



GT 4

Sexualidade, gênero e corpo em
contextos interioranos

COORDENADORES

Igor Erick (PPGA/UFPa)

João Victor Gomes Varjão (PPGAS/USP)

O BDSM PARA ALÉM DA METRÓPOLE: NOTAS PARA PENSAR CORPO, SEXUALIDADE E DESEJO EM PRÁTICAS ERÓTICAS NO INTERIOR DO BRASIL

Bruno Henrique Benichio Alves Barbosa

O presente resumo advém de uma etnografia realizada em contextos digitais de Dominação Feminina, uma categoria da comunidade BDSM (Bondage e Disciplina, Dominação e Submissão, Sadismo e Masoquismo). Algumas investigações antropológicas demonstraram que apesar de conviver com o fardo do sigilo sobre os seus fetiches e da discrição de seus estilos de vida, as praticantes de Dominação Feminina que vivem em regiões metropolitanas brasileiras possuem maiores possibilidades de frequentar espaços de entretenimento noturno para a experimentação dos seus prazeres. Pelo fato de essa exploração etnográfica ser holística e verificar contextos morais e urbanos para além dos digitais em si, visualiza-se ao decorrer desta pesquisa que a expressão dessa sexualidade dissidente de mulheres que vivem ou transitam por territórios interioranos do Brasil encontra um impasse delineado por um recorte urbano específico e a inexistência de casas noturnas e comunidades organizadas de BDSM. Sendo assim, essas mulheres empregam o manuseio de mídias digitais em seus cotidianos, sobretudo blogspots, para relatar seus dilemas, experiências prazerosas e para poder ser fonte de exemplo e auxiliar outras mulheres com desejos similares. Observa-se igualmente que esses contextos digitais são creditados na qualidade de expandir a possibilidade de encontrar novos parceiros sexuais para as experiências eróticas em cidades de pequeno e médio porte. Logo, as mídias digitais aparecem como uma alternativa frente às moralidades e o georreferenciamento urbano interiorano que pode intensificar alguns obstáculos para expressão desse prazer que independentemente de ser vivido no interior ou na metrópole é reiteradamente preterido por discursos de poder.

PALAVRAS-CHAVE: BDSM, Interior, Sexualidade, Corporalidade, Etnografia em contextos digitais.

BRODERAGEM SOB OS TRÓPICOS: A CONSTRUÇÃO DE MASCULINIDADES PAUTADAS NO DESEJO OCULTO

Camila Santos Dias

O artigo tem como mote investigar as masculinidades construídas socialmente, os processos de produção das subjetividades, dos desejos e relações de poder. O termo broderagem é empregado aqui para denominar práticas sexuais entre homens, por vezes amigos — devido a isso o caráter irônico com a palavra da língua inglesa “brother” —, que se definem como heterossexuais e performam virilidade. Acompanhei durante alguns dias estas interações sexuais no litoral sul da Paraíba, no município de Conde, onde busquei investigar seus desdobramentos e provocar discussões acerca dessas práticas em meio a um sistema dominante de cisheteronormatividade compulsória.

PALAVRAS-CHAVE: Broderagem, Masculinidades, Subjetividades, Poder, Cisheteronormatividade.

POLÍTICA, GÊNERO, SEXUALIDADE, DIREITO À CIDADE

Gabriel Rêgo Licata

A pesquisa que desenvolvi analisa as questões de sexualidade e gênero na revisão do plano diretor de Santarém em 2017, onde participei e pude etnografalo apresentá-lo como um evento etnográfico na minha pesquisa, a fim de compreender discutir como a cidade de Santarém tem se organizado para debater a necessidade de políticas específicas, acesso aos espaços e a representatividade para pessoas LGBTQIA+, a revisão tornou-se um acontecimento onde se obteve uma redação inclusiva e representativa em formas de leis, no entanto, ao entrar na câmara de vereadores de Santarém esse texto foi totalmente rejeitado e invisibilizado causando revolta em movimentos organizados, grupos, associações e entidades que publicaram várias cartas de repúdio, juntei elas e publiquei em anexo da pesquisa para que não acabasse naquele momento esse movimento. Com a chegada da pandemia do COVID-19 adaptei a segunda parte do meu campo para entrevistas e levantamento de dados com candidatos(as) a vereador(as) de Santarém e cem por cento das representações eram de comunidades da área rural da cidade, percebi que meus resultados ainda se encontravam entre abertos e que seria relevante e indispensável à continuação da pesquisa ser em áreas interioranas de Santarém e refinando os meus interesses transgredidos a temática reformulou-se para: “Sexualidade: Invisibilidade de pessoas LGBTQIA+ em Festividades Interioranas nas Comunidades da Grande Área do Aritapera, Santarém, Oeste do Pará”.

PALAVRAS-CHAVE: LGBTQIA+, Gênero, Sexualidade, Interiorana, Santarém.

A HIERARQUIA E OS HÁBITOS DO HABITAR NO BRASIL COLONIAL: UMA ANÁLISE DE GÊNERO NA CASA-GRANDE DE GILBERTO FREYRE

Priscila Lini

Sabrina Lini

A proposta trata das relações estabelecidas pelos membros da família extensa reunida sob a autoridade patriarcal do colonizador português, conforme as narrativas de Gilberto Freyre em sua obra “Casa-Grande e Senzala”. A pesquisa aprofunda-se nos hábitos domésticos da família nuclear e estendida, os locais permitidos e proibidos à circulação de pessoas, familiares, escravos e agregados, além de uma análise antropológica da edificação como símbolo de poder e posição social, no controle da mulher e no silenciamento dos múltiplos atores envolvidos neste espaço, que em grande parte modelou os costumes domésticos brasileiros. A própria casa em si, seus espaços adjacentes e a posição das construções no terreno apresentam uma curiosa lógica adaptativa e arquitetônica, que manifesta e materializa o poder do senhor de engenho sob seus domínios e sua propriedade, favorecendo a vigilância ao trabalho do escravo, à vida doméstica das mulheres da família, e ao mesmo tempo uma complacência com os moços, religiosos (como padres e capelães) e o próprio senhor, exercendo uma sexualidade ‘genésica’ – para ser fiel ao termo empregado na escrita de Freyre – em recônditos da grande propriedade, à custa da violência contra a mulher negra e indígena submetidas ao sistema escravocrata em todos os seus níveis. A simbiose entre artefatos e práticas que se consolidaram na brasilidade construída no universo freyreano, desperta a atenção para

um estudo mais acurado e pormenorizado das origens e do legado de tais práticas para o modo de ser e viver no Brasil até os dias atuais, inclusive nas esferas de poder e de papéis de gênero desempenhados nas residências, entre tarefas, exercício da religiosidade, da privacidade e das interações e hábitos de convívio.

PALAVRAS-CHAVE: Hábitos, Cultura, Arquitetura Colonial, Casa-grande.

REVELAÇÃO DA HOMOAFETIVIDADE EM FAMÍLIAS DE PARANAÍBA/MS

Jeferson Camargo Taborda

Apresenta o relato de experiência de um grupo de acolhimento para pais que vivenciaram a revelação da homoafetividade em suas famílias. O processo de revelação da homoafetividade, também chamado coming out, costuma ser um processo bastante complexo e quase sempre tende a produzir sofrimento para todos os envolvidos. Cadastrado como projeto de extensão, os encontros aconteceram entre os anos de 2018 e 2019 sendo realizados nas dependências da clínica-escola de Psicologia da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, campus de Paranaíba. O grupo buscou fornecer uma escuta qualificada e o compartilhamento de experiência entre os participantes. Foram realizados 14 encontros a partir da proposta das Oficinas de intervenção Psicossocial onde as temáticas foram direcionadas pelas demandas dos próprios participantes: dúvidas, preconceitos, temores pela violência e até dificuldades em lidar com o processo de transexualização na família. É preciso destacar que em municípios pequenos, onde as sociabilidades são mais estreitas, os efeitos da revelação da homoafetividade podem ser ainda mais complexos. Os resultados indicaram que o processo grupal possibilitou uma melhora considerável nas relações familiares, especialmente no diálogo, além de facilitar a aceitação e uma melhor convivência. Vale ainda ressaltar que este é o primeiro projeto de extensão realizado com estas características nesta região.

PALAVRAS-CHAVE: Família, Homossexualidade, Coming out, Intervenção psicossocial.

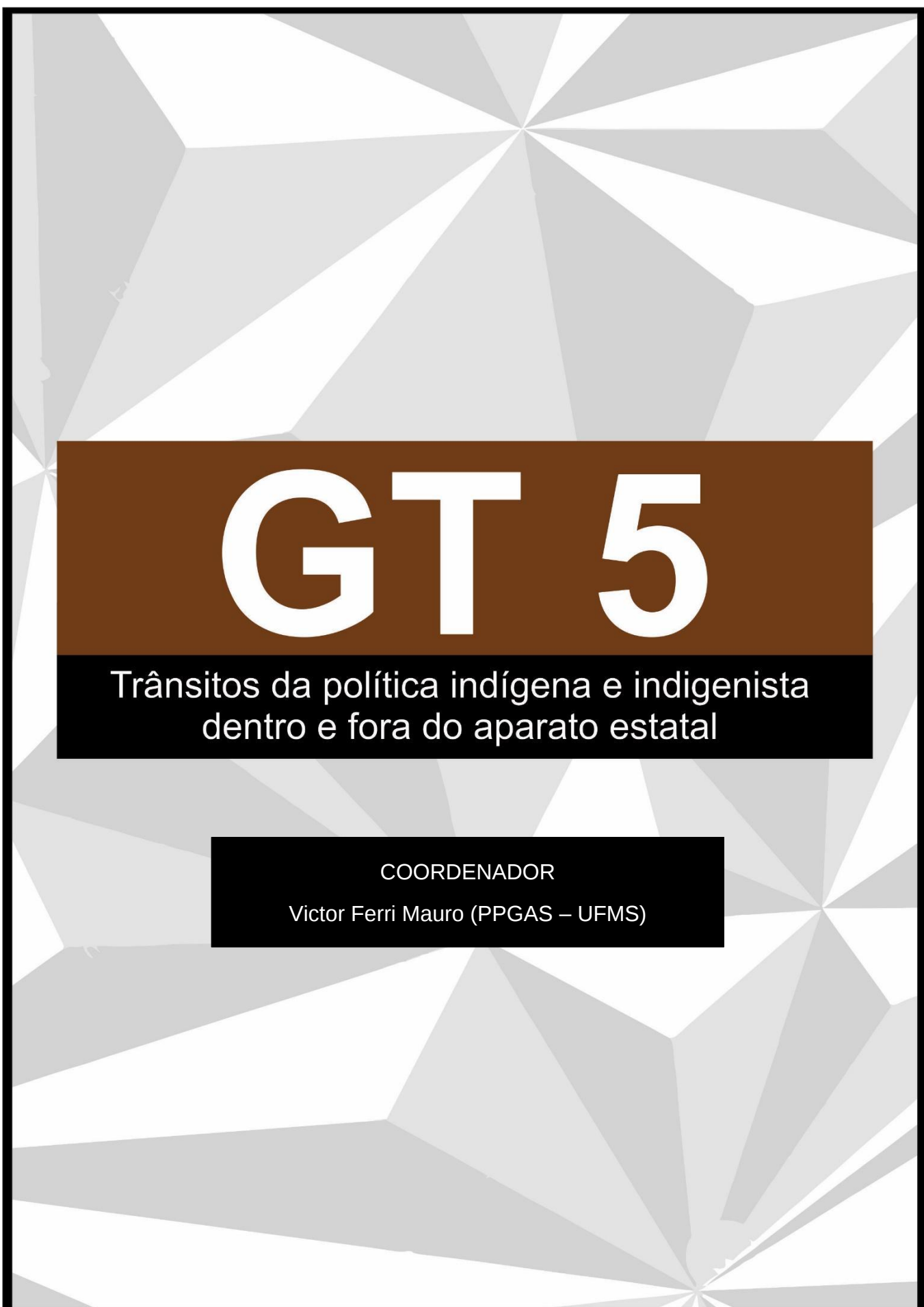
REDES DE SOCIABILIDADE E CONSUMO DE ESPAÇOS COMO PROCESSADORES DE SUBJETIVAÇÃO E MANUTENÇÃO DAS IDENTIDADES LGBTQIA+ NOS MUNICÍPIOS DE ARARAQUARA E SÃO CARLOS

Mateus Rodrigues dos Santos

Este trabalho propõe compreender as variadas formas como indivíduos de gênero e orientações sexuais consideradas dissidentes, moradores dos municípios de Araraquara e São Carlos, constroem relações entre si, tecem redes de sociabilidade e elaboram práticas culturais que produzem suas subjetividades e identidades no cotidiano, em contextos de lazer. Tais locais e seus itens de consumo, serão concebidos como mediadores e comunicadores sociais que instrumentalizam estes processos. Por conta dos grupos identitários em análise, torna-se necessário realizar um mapeamento histórico da Comunidade LGBTQ+ no país e fomentar a discussão reconhecendo as abordagens

principais dos Estudos de Gênero e Sexualidade. Em seguida, lançar mão ao conceito de Sociabilidade e mobilizar o repertório de investigação da Antropologia do Consumo, dando fundamento teórico para as problematizações propostas. Influenciado por categorias da chamada Antropologia Urbana, como estratégia metodológica, propomos trabalho de campo etnográfico em bares e casas noturnas frequentados, predominantemente, por integrantes da comunidade LGBTQ+ nas duas cidades.

PALAVRAS-CHAVE: LGBTQIA+, Sociabilidade, Antropologia Urbana, Subjetividade e Identidade, Consumo.



GT 5

Trânsitos da política indígena e indigenista
dentro e fora do aparato estatal

COORDENADOR

Victor Ferri Mauro (PPGAS – UFMS)

TERCEIRO SETOR: NA LINHA DE FRENTE COM OS GUARANI E KAIOWÁ NO COMBATE DO COVID-19, MATO GROSSO DO SUL

*Priscila de Santana Anzoategui
Jéssica Maciel*

O estado de Mato Grosso do Sul possui a segunda maior população indígena do país, com mais 80 mil habitantes (SESAI/MS). E no ano de 2020, a pandemia causada pelo COVID-19 causou grandes impactos nas comunidades indígenas de MS. Principalmente no aspecto que tange o acesso a direitos básicos, como a água potável, saúde e alimentação. O que antes era considerado insuficiente, com a pandemia se mostrou precário e o quanto os povos Guarani Kaiowá e Guarani Nandeva carecem de uma atenção maior por parte do poder público. Diante da omissão do Estado em atendimentos voltados para essas populações, as organizações não governamentais juntamente com o movimento indígena se mostraram potentes na prevenção e combate do coronavírus nas áreas indígenas. Assim, com este trabalho buscamos descrever e entender como a sociedade civil desenvolveu um papel de suma importância em conjunto com os povos indígenas nas ações emergenciais frente ao coronavírus, no período de março de 2020 até março de 2021. Para coleta de dados serão realizadas entrevistas online, levantamento bibliográfico e consulta a organizações não governamentais e lideranças indígenas Guarani e Kaiowá.

PALAVRAS-CHAVE: COVID-19, Mato Grosso do Sul, Guarani Nandeva, Guarani Kaiowá, Terceiro Setor.

ETNOMÍDIA INDÍGENA COMO NARRATIVA DAS RESISTÊNCIAS

*Raylson Chaves Costa
Vinicius Guedes Pereira de Souza*

O presente artigo, por meio de pesquisa bibliográfica no campo da comunicação decolonial com práticas etnomidiáticas indígenas e da análise imagética de produto audiovisual, pretende contribuir nas discussões sobre as produções próprias do Povo Terena em Mato Grosso do Sul (MS) e seu papel contra as estratégias para invisibilizar a presença dos seus corpos no estado. O texto traz apontamentos a partir das provocações levantadas pelo filme Primeira Cavalgada Indígena – Grito dos Excluídos, do realizador Angelo Terena, que trabalha com audiovisual desde os 15 anos de idade, criando imagens autônomas sobre seu povo. O filme mostra reivindicações da comunidade no dia do “descobrimento do Brasil”, através de uma manifestação na rodovia que dá acesso à aldeia, reunindo crianças, jovens e anciões.

PALAVRAS-CHAVE: Etnomídia Indígena, Povo Terena, Decolonialidade.

POLÍTICAS DE RECONHECIMENTO OFICIAL INDÍGENA NOS TEMPOS DA DITADURA MILITAR BRASILEIRA

*Arielly de Oliveira Amarilla
Victor Ferri Mauro*

Este trabalho tem como objetivo analisar as políticas de reconhecimento oficial indígena durante a ditadura militar brasileira (1964-1985), período em que a política indigenista tinha um viés nitidamente integracionista e em que os povos originários estavam sujeitos à tutela do Estado regida pelos dispositivos da Lei no 6.001/1973, conhecida como Estatuto do Índio. Segundo algumas interpretações jurídicas, para efeito legal, os indígenas eram considerados relativamente incapazes para o exercício e gozo de seus direitos civis. Entretanto, o Estatuto conferia aos indivíduos interessados a possibilidade de requisitar a emancipação da tutela, que podia ser concedida caso a pessoa preenchesse determinados requisitos. Acontece que os índios não mostravam interesse em emancipar da tutela, temendo que esse ato pudesse implicar, por consequência, a perda do controle sobre seus territórios tradicionais e perda da assistência oficial prestada pela FUNAI. Diante disso, o órgão tutor e o Ministério do Interior tentaram emplantar normativas que previam a possibilidade de emancipação de povos inteiros por atos discricionários e unilaterais dos gestores públicos. A resistência a essas tratativas culminou na institucionalização do movimento indígena e na eclosão de uma campanha nacional de apoio à causa abraçada por vários atores e segmentos da sociedade civil organizada.

PALAVRAS-CHAVE: Reconhecimento étnico, Indígenas, Ditadura Militar.

ARBITRARIEDADES NA ATUAÇÃO DO SPI JUNTO AOS ÍNDIOS TERENA

Victor Ferri Mauro

A partir de uma revisão bibliográfica abrangente, o presente trabalho se propõe a analisar aspectos da administração tutelar do povo terena pelo Serviço de Proteção aos Índios - SPI, buscando compreender como a tutela legal, instituída para conferir assistência aos indígenas, foi agenciada na prática- pelo Estado brasileiro e perscrutar quais os efeitos que provocou na população administrada. Outro objetivo pretendido é registrar estratégias empreendidas pelos terenas para resistir à dominação colonial nesse contexto em um recorte temporal de quase cinco décadas. Verificou-se no curso da história uma série de arbitrariedades e cerceamentos praticados em desfavor desse povo originário pelo órgão que tinha como prerrogativa funcional garantir-lhes direitos especiais e proteção. Os terenas, no entanto, foram capazes de resistir e negociar condições de vida mais favoráveis, dentro das possibilidades, mobilizando assim a sua agência.

PALAVRAS-CHAVE: Tutela, Política Indigenista, SPI, Terena, Arbitrariedades.

A PRÁTICA DO KOHIXOTI-KIPAÉ COMO ESTRATÉGIA DE RESISTÊNCIA ÉTNICA PELOS TERENA DA ALDEIA URBANA DO JARDIM INÁPOLIS

*Luiz Felipe Barros Lima da Silva
Victor Ferri Mauro*

O artigo apresentado interpreta aspectos da vida cotidiana, da memória coletiva e da identificação étnica de um grupo de indígenas Terena residente na Aldeia Urbana do bairro Jardim Inápolis, periferia de Campo Grande-MS, tendo como cenário a prática do Kohixoti-Kipaé, rito também conhecido como “dança da ema”, enquanto uma estratégia de construção imagética e performática sob a perspectiva de fortalecimento do Kixovoku, ou “jeito de ser Terena”, instrumentalizado pela performance do Kohixoti-Kipaé. Para alcançar os objetivos da pesquisa, realizamos inicialmente o levantamento do material bibliográfico produzido sobre os Terena residentes na capital sul-mato-grossense e suas estratégias de inserção no cotidiano urbano incrementadas pela atuação de organizações indígenas desde a década de 1990. Parte das considerações aqui apresentadas foram elaboradas a partir de observações in loco e interlocuções com integrantes do grupo mencionado. Atenção especial foi dada às memórias coletivas da comunidade sobre a preparação e a execução do Kohixoti-Kipaé, tendo em vista sua dimensão política instrumentalizada na luta por direitos específicos em contextos ampliados de interação com a sociedade envolvente, em que afloram estratégias singulares de mobilidade, territorialização e de resistência étnica e cultural.

PALAVRAS-CHAVE: Mobilidade, Parentesco, Territorialização.

OS TERENA, O PODER TUTELAR E O ESTADO: REFLEXÕES SOBRE A AÇÃO POLÍTICA DO CONSELHO TERENA

Arthur Paiva Octaviano

O presente artigo tem a intenção de apresentar, em caráter bibliográfico, histórico e político, a constituição imaginária do Estado Nacional e como este instrumentalizou suas práticas, intermediadas pelo advento do “Poder Tutelar” (LIMA, 1995) para exercer controle e dominação sobre os povos indígenas. Como recorte circunstanciado, toma-se o caso do povo terena em Mato Grosso do Sul, que institui, no ano de 2012, seu corpo de representação política frente aos avanços da fronteira agroexportadora, se colocando enquanto resistência à um projeto de integração nacional que excluía as agências indígenas de seu bojo (GARFIELD, 2011). Desse modo, busca-se refletir como o Conselho terena articula politicamente suas pautas frente à um contexto social mais amplo.

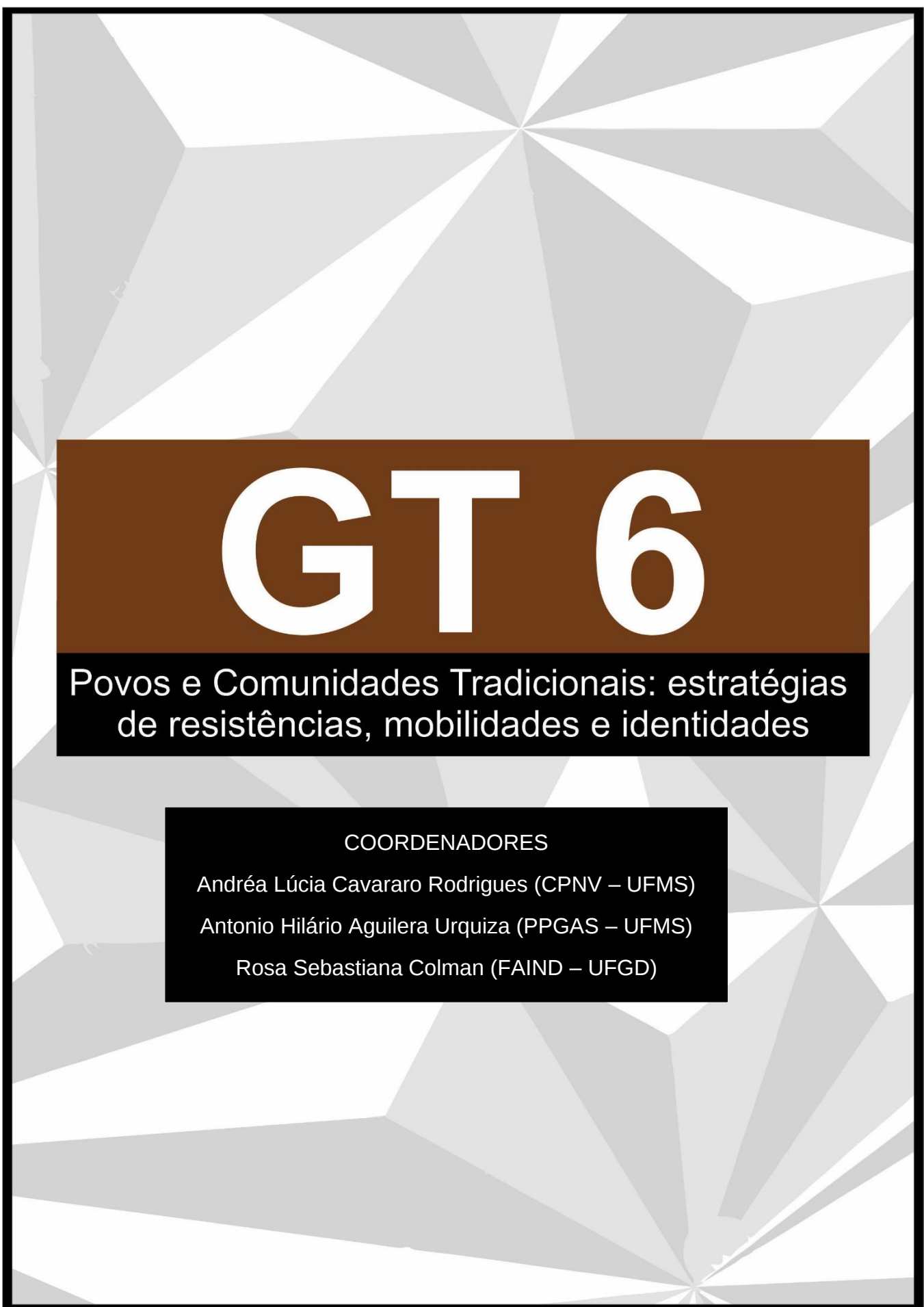
PALAVRAS-CHAVE: Poder Tutelar, Estado Nacional, Ação Política, Etnicidade.

MOVIMENTO INDÍGENA E A LEI Nº 11.645/2008: CONTRIBUIÇÕES PARA A EDUCAÇÃO

Evelyn de Souza Santiago Candido da Silva

O objetivo deste artigo é fazer um levantamento histórico-antropológico, por meio de pesquisa bibliográfica e documental, do percurso até o estabelecimento da Lei nº 11.645/2008, que sancionou a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Indígena no âmbito de todo currículo escolar, elencando as contribuições e o protagonismo do movimento indígena brasileiro na conquista desse marco legal. São consideradas as contribuições desse movimento social em âmbito nacional. Reconhecemos que as suas várias frentes atuam em todas as regiões do país, contudo adotamos o uso genérico do termo Movimento indígena entendendo que essa conquista foi alcançada por meio de um esforço conjunto. Organizações sociais e políticas de indígenas no Brasil datam desde muito antes do período colonial, porém abordamos as contribuições do movimento para educação priorizando as ações empreendidas a partir da década de 1970, às quais refletiram na elaboração da legislação educacional brasileira das décadas de 1990 e 2000.

PALAVRAS-CHAVE: Movimento Indígena, Lei nº 11.645/2008, Ensino de História.



GT 6

Povos e Comunidades Tradicionais: estratégias
de resistências, mobilidades e identidades

COORDENADORES

Andréa Lúcia Cavararo Rodrigues (CPNV – UFMS)

Antonio Hilário Aguilera Urquiza (PPGAS – UFMS)

Rosa Sebastiana Colman (FAIND – UFGD)

CONSIDERAÇÕES ACERCA DO PLURALISMO JURÍDICO COMO GARANTIA DE MAIOR EFICÁCIA DA NORMA CONSTITUCIONAL

Marco Antônio Rodrigues

O presente trabalho tem por objetivo analisar algumas concepções do pluralismo jurídico e suas possíveis contribuições para maior eficácia das normas constitucionais, mais precisamente do artigo 231, que trata dos direitos dos povos indígenas. Partindo-se da hipótese de que o Estado brasileiro é considerado pluricultural, o artigo buscará analisar o porquê da ineficácia da norma constitucional quando, dentre as diversas discussões acerca do direito dos povos indígenas, a questão territorial, tão cara a essas populações, acaba por não possuir plena garantia constitucional, embora a sua importância e o caráter plural da Constituição de 1988. Em decorrência dessa situação, os territórios ocupados pelos indígenas têm sido alvo de disputas, invasões e ameaças, juntamente com seus ocupantes, vítimas crescentes de diversas violações a direitos humanos. Partindo-se do paradigma da complexidade de Edgar Morin e, através das fontes bibliográficas e dos principais conceitos antropológicos e jurídicos, conclui-se que a Constituição Federal de 1988 apresenta ambiguidades que contribuem para o desvalor e ineficácia da norma constitucional. Através do método indutivo, o artigo buscará chegar ao resultado esperado.

PALAVRAS- CHAVE: Territórios Indígenas, Constituição Federal, Ineficácia, Direitos Humanos.

QUILOMBO BURITI DO MEIO: O BARRO, AS CANTIGAS E AS FESTAS CONSTRUINDO O MODO DE SER E DE VIVER NA COMUNIDADE

*Laís Pereira Costa
Andréa Maria Narciso Rocha de Paula*

Este trabalho é parte de um estudo maior, o trabalho de conclusão do curso de Ciências Sociais que buscava compreender o processo migratório no Quilombo Buriti do Meio. Neste artigo, porém, tentamos compreender como o barro, as festas e os cantos do quilombo construíram um modo próprio de ser e diferenciado de viver e como estes saberes foram sendo passados de geração em geração constituindo como tradicionais. Para alcançar os objetivos propostos o trabalho envolveu uma abordagem sócio-antropológica com os estudos voltados para as relações entre cultura e comunidade, tradição, identidade. As técnicas empregadas foram a observação participante, a história oral, o diário de campo, as entrevistas livres, as fotografias, além do uso etnográfico para a compreensão dos modos de vida quilombola.

PALAVRAS- CHAVE: Saberes, Identidade, Quilombo.

ENTRE O FERRO E O ASFALTO, O “CORREDOR CARAJÁS” E A BR 135: AS TENSÕES SOCIAIS OCASIONADOS POR DISTINTOS PROJETOS DE INFRAESTRUTURA

Célia Brenda Lima Fernandes

Este trabalho foi resultado das atividades realizadas pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica PIBIC/UEMA durante o período de agosto de 2018 a janeiro de 2019. O seguinte trabalho versa sobre a situação de conflitos territoriais pela comunidade autodefinida como quilombola Santa Rosa dos Pretos, com a duplicação de dois megaempreendimentos a BR 135 e a Estrada de Ferro Carajás. Ambos causando impactos socioambientais, desrespeitando a legalidade para duplicação e modificando o modo de vida da comunidade. A estrada de ferro Carajás possui 892 km ligando a Serra de Carajás- PA ao Porto de Itaqui-MA onde se encontra a maior mina de minério a céu aberto do mundo. A ferrovia é a maior em transporte de passageiros em operação no Brasil. Comunidades quilombolas, indígenas e pescadores têm sido duramente impactados com a obra de duplicação da ferrovia. A mesma atrapalha a circulação de pessoas, impede atividades cotidianas, apresenta risco à integridade física dos membros dessas comunidades. Os quilombolas lutam ainda contra a duplicação da BR 135 - rodovia que liga o Maranhão e termina em Belo Horizonte. De acordo com os próprios moradores da comunidade seriam retiradas cerca de 345 casas. E se perguntam, “onde todo esse povo vai morar?” pergunta que não obteve resposta. Existem aproximadamente trinta e cinco comunidades quilombolas, localizadas nos municípios de Itapecuru Mirim, Anajatuba e Santa Rita. Dentre estes, enfatizo os conflitos ocorridos no quilombo Santa Rosa Dos Pretos, localizada em Itapecuru Mirim, onde estão reivindicando os seus direitos da posse das terras.

NARRATIVA QUILOMBOLA EM CONTEXTO DE AFIRMAÇÃO IDENTITÁRIA

Adrielma Abreu

O trabalho tem como objetivo analisar a trajetória de uma agente social quilombola, vinculada ao Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu (MIQCB). Com a pretensão de mapear as formas organizativas as quais essa agente social está referida, de modo a analisar como ela concilia o pertencimento a um movimento social de caráter interestadual com sua atuação em uma associação local, assim a partir das narrativas e fazendo uma articulação de elementos do passado e do presente, no sentido de afirmar um pertencimento associado a identidade.

PALAVRAS- CHAVE: Quilombo, identidade, resistência.

OS IMPACTOS POLITICOS E ECONOMICOS DOS MOVIMENTOS SOCIAIS NO MUNICIPIO DE TACURU- MS

Paulo Apolinario Bispo

Este trabalho tem como objeto de pesquisa os impactos dos movimentos sociais ocorridos no período de 1985 a 2002 no município de Tacuru- MS. E tem como foco principal dois movimentos sociais, a dos movimentos sociais sem terra e o movimento social indígena da luta pela retomada de suas terras tradicionais ocorridos entre os anos de 1985 e 1994. Através de dados históricos apresentar alguns contextos que fizeram parte no passado, mas que atualmente esses movimentos deram resultado positivo para o nosso município. Partindo deste pressuposto, importante ressaltar algumas manifestações que repercutiram na época, mas que foi de grande valia para as conquistas desses direitos que é o projeto de reforma agrária implantado em nosso município em 2002. Outro processo de luta dos movimentos sociais no município foi a luta dos grupos indígenas da etnia Guarani e Kaiowá pela retomada de suas terras tradicionais, ocorrido durante o período histórico conhecido como redemocratização conforme citado por alguns pesquisadores. Durante o desenvolvimento deste trabalho será feito um levantamento dos pontos positivos que o projeto de Assentamento trouxe de benefício para o município e principalmente para a aldeia Jaguapiré, aldeia indígena esta que faz divisa com o assentamento rural Vitoria da Fronteira, mas, que anteriormente ficava praticamente isolado da cidade, mas que com a implantação do assentamento o acesso ficou mais fácil. Ficando o seu meio de locomoção mais acessível tanto para a cidade de Tacuru, quanto para o município vizinho Iguatemi.

PALAVRAS- CHAVE: Movimentos Sociais e Poder.

O SEPULTAMENTO PRESENTE NA CULTURA GUARANI-KAIOWÁ

Leylanne Rittes Miranda

A presente pesquisa retrata a questão da morte tratada por povos indígenas, devido a conflitos internos, acidentes, doenças e outros. Além de ter sido levado em conta, a análise do conceito antropológico de fronteira, atuando diretamente nesses povos e ocasionando a mobilidade. Diante de tais condições, como o povo Guarani, com especificidade no grupo denominado Kaiowá, no lado Brasileiro, e Paĩ Tavyterã, no Paraguai tratam os indígenas de sua tribo quando morrem, quais práticas culturais são realizadas, e quais influências essas práticas sofreram ao longo dessa mobilidade. O estudo pretende fazer uma análise dos povos da fronteira, tendo em vista os óbitos indígenas, sepultamentos e sua mobilidade, além de dar notoriedade e possibilitar um aumento de conhecimento deste assunto à comunidade externa, a fim de preservar e respeitar os valores culturais. Tendo isso em vista, sabemos que a organização social desses povos possuía seus limites próprios, seus rituais pós-morte e suas crenças, que se modificaram ao longo dos anos. Logo, a relação estabelecida entre os povos indígenas, nesse contexto os Guarani, com os agentes resultantes da nova cultura historicamente imposta, transformaram os modos tradicionais de vida, criando novos hábitos. Com a pesquisa pode-se concluir que houve uma mudança nas práticas funerárias indígenas, anteriormente podiam ser encontradas em referências bibliográficas e acompanhadas pessoalmente sem nenhuma mudança,

todavia a morte é usada como ferramenta em questões jurídicas, principalmente por questões de retomada.

PALAVRAS-CHAVE: Mobilidade Guarani, Óbito Indígena, Contextos Fúnebres.

DIREITOS FUNDAMENTAIS E A DEMARCAÇÃO DE TERRAS INDÍGENAS NO MATO GROSSO DE SUL

*Elvis Gomes Marques Filho
Antônio Hilário Aguilera Urquiza*

O presente artigo tem o objetivo de analisar a garantia estatal dos direitos fundamentais dos povos indígenas nos processos de demarcação dos seus territórios, no Brasil. A metodologia empregada foi o método hipotético-dedutivo e foram realizadas pesquisas bibliográfica e documental. Como resultados, conclui-se que a inação e a negativa do Estado brasileiro na demarcação dos territórios indígena têm provocado uma violação sistemática de seus direitos fundamentais.

PALAVRAS-CHAVE: direitos fundamentais; territorialidade; conflitos territoriais; povos indígenas.

“MATARAM NOSSO GUERREIRO”: COSMOPOLÍTICA E RETOMADA EM UM ACAMPAMENTO GUARANI KAIOWÁ

*Gabriela Barbosa Lima e Santos Zotti
Mateus Henrique Zotti Maas*

O processo histórico de expansão das frentes de colonização nas terras indígenas de Mato Grosso do Sul, coloca em movimento as mais variadas táticas de dominação político-territorial como o aldeamento compulsório e a capitania. Diante deste processo a luta pela retomada entre os Kaiowá vem mobilizando agentes e categorias cosmopolíticas na busca do território tradicional e de um modo de vida condizente. Interessa-nos aqui discutir as implicações do processo de retomada e de resistência do território empreendida pelos Guarani-Kaiowa e o papel que assume a figura da liderança tradicional kaiowá como “fazedor de paz” e/ou como guerreiro. Como pensar os mecanismos que operam contra o Estado em um povo cuja colonização impôs a centralização do poder político nas mãos de um chefe que detém poder sobre os demais e quais as implicações destes mecanismos nas Retomadas? Também abordaremos as relações cosmopolíticas mobilizadas pelo movimento indígena na tentativa de dissolução do Estado dentro de um Tekoha que “se levanta”: Laranjeira Nhanderú.

PALAVRAS-CHAVE: Cosmopolítica, Retomada, Guarani-Kaiowá.

AS PRÁTICAS INTERCULTURAIS NA ESCOLA INDÍGENA TERENA: FRONTEIRAS, DESENVOLVIMENTO, DESAFIOS E PERSPECTIVAS DE UMA EDUCAÇÃO DIFERENCIADA

Eduardo dos Santos Rodrigues

O projeto pretende investigar e analisar as práticas pedagógicas interculturais dos professores indígenas Terena em duas escolas na Terra indígena Lalima, em Miranda/MS, sob a perspectiva da educação indígena diferenciada, após 1988. A educação escolar indígena e suas práticas vêm passando por um processo (re) elaboração e “transição” do modelo colonialista ao modelo específico de cada comunidade indígena. Assim, o projeto em curso propõe verificar as mudanças e avanços ocorridos no desenvolvimento das práticas interculturais dos professores Terenas a partir de 1988, identificar possíveis fatores que interferem ou não nesse processo, apontar as fronteiras, desafios e perspectivas dos professores e comunidade Terena em relação a educação escolar diferenciada. A pesquisa utilizará dos procedimentos metodológicos próprios da Antropologia como o trabalho de campo e, a partir dele, a observação participante, diário de campo e outras formas de registros. De levantamentos bibliográfico de autores da interface da Antropologia e educação e consultas de outros documentos. Considera o projeto relevante, por relatos do autor, um professor indígena Terena e pelo momento que a educação escolar indígena vem passando pelo processo de (re) elaboração e (re) significação de suas práticas interculturais e, pelo fato de que os resultados possam oferecer elementos necessários a comunidade Terena refletir sobre o tema e consequentemente tomar decisões.

PALAVRAS-CHAVE: Práticas interculturais, escola indígena, identidade e autonomia.

MULHERES TERENA E SEU PROTAGONISMO COMO INTELLECTUAIS: FEMINISMO INDÍGENA

*Kellen Dias Lacerda
Andréa Lúcia Cavararo Rodrigues
Antonio Hilário Aguilera Urquiza*

Este artigo faz uma breve abordagem sobre o feminismo comunitário, o chamado feminismo indígena. O conceito feminismo comunitário é de Julieta Paredes Carvajal, do Povo Aymara da Bolívia. Nele iremos trazer reflexões de mulheres indígenas das mais diversas etnias, mostrando suas lutas e trajetórias na busca por seus direitos e como o processo educacional fizeram com que elas assumissem um papel de liderança dentro e fora de suas comunidades. E para abordar essa temática traremos autoras indígenas como Lindomar Lili Sebastião, mulher do povo Terena e também autoras não indígenas.

PALAVRAS-CHAVE: Feminismo comunitário, mulher Terena, liderança.

PROCESSOS DE “FISSÃO” E “FUSÃO” SOCIAIS E TERRITORIAIS NAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS DE SANTARÉM, PARÁ

Diego Pérez Ojeda del Arco

Considerando os distintos processos identitários étnicos protagonizados por grupos sociais que orientam as suas ações em prol do autorreconhecimento enquanto comunidades *remanescentes de quilombos* na região do Baixo Amazonas, oeste do Estado do Pará, analisamos a produção e reprodução da etnicidade partindo do entendimento de que ela não decorre de descontinuidades culturais empiricamente observáveis. Além disso, as experiências etnográficas analisadas mostram como as comunidades quilombolas estudadas se encontram inseridas em uma realidade que, utilizando termos clássicos da antropologia política, tende à “fissão e a fusão”, e não só em termos figurativos de processos sociais e políticos, mas também em termos concretos devido as particularidades geográficas da região de várzea que tem direta relação com a própria ocupação do espaço territorial devido aos fenômenos naturais das chamadas “terras caídas” e “terras crescidas”. Por exemplo, relatos na comunidade quilombola de Surubiu-Açú, no município de Santarém, apontam sobre a forte tendência de que a terra ali continue crescendo, chegando inclusive a “apertar tudo” em algumas décadas, ou seja, terminando-se de juntar com a comunidade da frente, de Surubiu-Açú do município de Alenquer, o que seria um cenário inédito posto que duas comunidades de dois municípios diferentes, sendo uma quilombola e outra “ribeirinha”, veriam “fusionados” (geograficamente) seus limites. Da mesma forma, os casos das comunidades quilombolas de Arapemã e Saracura permitem observar como nas últimas décadas o fenômeno das “terras caídas” somado a processos de “fissão” e “fusão” segmentar tem gerado profundas mudanças políticas nas mesmas, as quais serão analisadas em detalhe.

PALAVRAS-CHAVE: Baixo Amazonas, Comunidades quilombolas, Etnicidade, Mobilidade espacial, Fronteira.

EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA E FRONTEIRA – UMA ANÁLISE ANTROPOLÓGICA DOS IMPACTOS DA ROTA BIOCEÂNICA EM PORTO MURTINHO/MS

*Laura Luiza Mendonça
Antônio Hilário Aguilera Urquiza*

O presente plano de trabalho inserido no projeto de pesquisa OGUATA GUASU E TERRITÓRIO – uma análise antropológica da mobilidade guarani nas fronteiras de Mato Grosso do Sul, pretende analisar as dinâmicas sociais que são próprias da região da fronteira Brasil/Paraguai, principalmente, levando em consideração o fenômeno do *oguata* que é parte da identidade cultural dos povos indígenas, presentes em Porto Murtinho (MS) e os fenômenos sociais relacionados aos fluxos culturais presentes na comunidade escolar dessa região. Desse modo, o objetivo do meu trabalho é elaborar uma análise antropológica da correlação entre mobilidade tradicional indígena guarani e as vulnerabilidades educacionais das comunidades indígenas afetadas pelo Corredor Rodoviário Bioceânico. A redação deste estudo justifica-se pela importância de

diagnosticar e investigar as condições e vulnerabilidades educacionais vivenciadas pelas populações indígenas Kadiwéu e Terena, também como isso gera impactos no modo de viver destes povos, *modus vivendi*. A metodologia empregada é a pesquisa bibliográfica e documental.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Escolar Indígena, Povos Terena e Kadiwéu, Rota Bioceânica, Fronteira Brasil/Paraguai.

CIDADE DOS DEUSES: ENTRE A ROÇA E A METRÓPOLE. O EMBRANQUECIMENTO DO CANDOMBLÉ A PARTIR DOS PROCESSOS DE URBANIZAÇÃO

*Gabriel Pereira Garcia
Francesco Romizi*

O presente trabalho possui por objetivo propor uma reflexão sobre como a Teoria Antropológica Urbana e do Espaço podem ser capazes de evidenciar o processo de embranquecimento do Candomblé no Brasil, a partir dos impactos que o território exerce e influencia nessa religiosidade. Para tanto, entender os fatores que levaram os negros às urbes e a forma pela qual foram conduzidos/direcionados/forçados a ocupar esses espaços nas cidades é importante ponto de partida para a compreensão de como o fenômeno da urbanização também influenciou o contato dos brancos com a religiosidade negra. Nesse ínterim, é importante refletir sobre como a cidade tem um caráter agregador de uma heterogeneidade de indivíduos, mas que ao mesmo tempo traz em si uma força segmentadora das relações sociais, observadas pelos seus reflexos na territorialidade, ou seja, na ocupação desses espaços urbanos, sobretudo quando a cidade se revela como consumidora de homens e se verifica o impacto da matéria prima imigrante em detrimento da negra. Nesse contexto, a voracidade do capitalismo é expressada na organização espacial da cidade, uma selva de pedra. Esta, por sua vez, torna-se um dos fatores proporcionadores do maior contato do homem branco com candomblé, o qual cria laços pelo exercício da solidariedade, sendo esse princípio informador da cosmovisão africana e remanescente de uma “sociedade primitiva” vivida nos terreiros e que, em um contexto urbano, torna-se verdadeira ilha de resistência cultural e exercício de sobrevivência em contraposição a um epistemicídio oriundo da vida na cidade.

PALAVRAS-CHAVE: Candomblé, Povos Tradicionais, Territórios, Antropologia Urbana, Urbanização.

POVOS INDÍGENAS E DIREITO DE IR E VIR: A INCONVENCIONALIDADE DA MENSAGEM DE VETO Nº 163 À LEI Nº 13.445/2017

*Luyse Vilaverde Abascal Munhós
Antônio Hilário Aguilera Urquiza*

A prática da mobilidade espacial entre fronteiras é um elemento multifacetado intrinsecamente relacionado ao modo de ser “caminhante” característico da cosmologia Guarani e Kaiowá, sendo essencial para manutenção da cultura, da identidade e, consequentemente, da garantia de uma vida digna, pois relacionado a processos de construção de identidade, memória coletiva e laços sociais e comunitários. A partir de uma perspectiva intercultural dos direitos humanos, percebe-se que o deslocamento transfronteiriço dos povos Guarani e Kaiowá nada mais é do que um exercício do direito de ir e vir, a partir do reconhecimento de fronteiras étnicas que transcendem os limites dos Estados. Ocorre que, em 2017, uma sanção presidencial ao parágrafo 2º do art. 1º da Lei de Migração acabou por contrariar os tratados internacionais, aos quais o Brasil é signatário, deixando de reconhecer referido deslocamento transfronteiriço. Nesse sentido, pretende-se investigar o fenômeno da livre mobilidade indígena como um direito humano reconhecido internacionalmente pela Convenção nº 169 da OIT, pela Declaração da ONU sobre os Direitos dos Povos Indígenas de 2007 e pela Declaração Americana sobre os Direitos dos Povos Indígenas. A fim de alcançar o objetivo elencado, a pesquisa empregada tem bases descritivas exploratórias, aliadas ao método dedutivo e possibilitadas pela análise bibliográfica e documental, a partir de livros, artigos, declarações e convenções internacionais. Por fim, infere-se que a Nova Lei de Migração, para respeitar os Tratados Internacionais de Direitos Humanos e os preceitos constitucionais vigentes, deveria ter reconhecido o direito indígena à livre circulação em terras tradicionalmente ocupadas.

PALAVRAS-CHAVE: Direitos Humanos, Interculturalidade, Tratados Internacionais, Lei de Migração, Fronteiras Nacionais, Povos indígenas.

ASSOCIAÇÃO APIWTXA: PROJETO ARTICULAÇÃO TRANSFRONTEIRIÇA BRASIL-PERU

Julia Aparecida Rodrigues da Silva

A luta política dos Ashaninka do rio Amônia, situados na fronteira entre Brasil e Peru, na cidade de Marechal Thaumaturgo, Acre, está pautada em medidas que impeçam as invasões em seu território, e com a criação da Associação APIWTXA, em 1993, tornou um marco de resistência e organização política que se organizou num cenário de soberania de Estados-nacionais. Esse processo que ocorreu com muitos, ou quase todos os povos indígenas da América Latina, e que ressignificou a discussão sobre os direitos indígenas, repensando o papel do Estado, os Ashaninka passaram por um processo de divisão física, embora sigam, naturalmente, partilhando aspectos culturais, linguístico e história de resistência nos dois lados da fronteira. A política de proteção e recuperação ambiental do território nativo compõe um dos tópicos que Associação APIWTXA propõe como forma

de atuação, encontrando mecanismo para proteger e, ao mesmo tempo, tirar benefícios dos recursos naturais tanto para pesquisa e catalogação quanto para comércio. O presente trabalho tem como objetivo compreender como foi elaborado e executado os direitos territoriais dos Ashaninka focando no projeto Articulação Transfronteiriça Brasil-Peru, o contexto em que se encontram as atividades exercidas pela Associação com a finalidade de proteger, fortalecer, valorizar cultura, o território e seus direitos já estabelecidos, desde as gestões ambientais até valorização dos conhecimentos espirituais. A metodologia utilizada é um levantamento documental e bibliográfico de produções acadêmicas, reportagens em jornais e revistas, publicações em mídias sociais que descrevem a construção histórica do tema escolhido, dialogando com a atual situação político-social.

PALAVRAS-CHAVES: Ashaninka, direitos territoriais, fronteira internacional, Brasil, Peru.

A ECONOMIA DA RECIPROCIDADE NA TRADIÇÃO GUARANI SOB A PERSPECTIVA DA DÁDIVA DE MARCEL MAUSS

*Priscila Lini
Antônio Hilário Aguilera Urquiza*

O presente artigo busca a compreensão dos aspectos culturais e econômicos das trocas de bens sob o ponto de vista do modo de ser guarani. Essa característica específica de inter-relação, que leva em conta não somente um critério correlato ao comércio, mas também a simbologia envolvida no intercâmbio, pode ser vinculada ao que Marcel Mauss define como 'dádiva'. Partindo desse pressuposto teórico serão analisados os atos de dar, receber e retribuir, e as relações sociais e cosmológicas atreladas a esta circulação de elementos materiais. Pretende-se analisar o papel da dádiva para *ñande reko* guarani, em sua compreensão como modo de ser próprio, fundamental ao exercício do bem viver. Desta maneira, o conceito de valor econômico imediato não é suficiente para explicar as complexas redes sociais estabelecidas pela oferta, aceitação e retribuição de bens, mas adiciona-se uma consideração específica, vinculada a um valor simbólico fundamental ao tecido social da comunidade. A metodologia aplicada à pesquisa é de caráter descritivo, com opção pelo método dedutivo, realizada mediante pesquisas bibliográficas e etnográficas, a fim de estabelecer a conexão entre a circulação de bens e artefatos, nos conceitos de economia e profecia, conforme a definição de dádiva propugnada pela teoria antropológica de Marcel Mauss.

PALAVRAS-CHAVE: Guarani, dádiva, reciprocidade, cultura.

CERAMISTAS KINIKINAU E SEUS SEGREDOS NA PANDEMIA DA COVID-19: ETNOGRAFIA DIGITAL E PERAMBULAÇÃO NA REDE

Aila Vilela Bolzan

Nos últimos anos as ceramistas Kinikinau da aldeia Mãe Terra (T.I. Cachoeirinha) em Miranda – MS passaram a se movimentar e agir na internet através das mídias digitais. Com a pandemia do novo coronavírus e a Lei Aldir Blanc de auxílio emergencial, a premiação de artistas Kinikinau em editais conduziu-os à ampliação da rede de relações com os seus outros (instituições, documentos, leis, pessoas, objetos etc.). Desdobrada na produção de materiais audiovisuais disponibilizados em plataformas como youtube e instagram, a rede envolve além de pessoas e coisas, os “segredos” da arte em cerâmica revelados em fotos e vídeos disponibilizados no ambiente virtual. Justaposto a isso, com o isolamento social, surgiu a necessidade de reorganizar as etapas da minha pesquisa etnográfica de doutoramento em Antropologia iniciado em 2020 no Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal do Paraná. Um dos caminhos possíveis na condução da etnografia e interação com pessoas Kinikinau fez-se e faz-se no uso de tecnologias digitais e na perambulação por ambientes virtuais. Este trabalho visa problematizar aspectos relativos às etnografias digitais em tempos de pandemia e descrever, a partir do meu próprio acesso às informações disponibilizadas no ambiente virtual e trocas com pessoas Kinikinau, como as ceramistas durante a pandemia da COVID-19 significaram/significam processos, constituem redes de relações e interação em torno da cerâmica envolvendo pessoas, saberes, segredos, arte, artesanato, internet e muito mais.

PALAVRAS-CHAVE: etnografia digital, Kinikinau, cerâmica, rede, pandemia COVID-19.

ESPAÇO E MOBILIDADE ENTRE AS MULHERES KAIOWÁ

*Camila Assad Catelan
Antônio Hilário Aguilera Urquiza*

Cada um dos elementos territoriais que fazem parte do espaço Kaiowá, a se citar o *tekoha*, o *tekoha guasu* e o *ñane retã*, não são constituídos isoladamente, ao contrário, mantêm entre si grande intercâmbio, constituindo um espaço de comunicação, como afere Colman (2015). Desse modo, a expansão territorial Kaiowá pode ser compreendida a partir de distintas unidades territoriais contíguas uma as outras, as quais, sobretudo, são substanciadas pelas relações que constituem a sua unidade local e supralocal. O território é, portanto, desenhado pelas relações traçadas no espaço. Nesse sentido, o presente artigo constituído a partir de pesquisa bibliográfica e de campo com as mulheres Kaiowá de Ñande Ru Marangatu busca dar ênfase nas linhas de interação protagonizadas pelas mesmas, a partir das noções e *oguatá* e de *tapepo'i*, fazendo uma aproximação com o conceito de malha constituído por Tim Ingold.

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres Kaiowá, Mobilidade, Relações Sociais.

**AS CIÊNCIAS SOCIAIS BRASILEIRAS EM CLARA NUNES: ALGUMAS
POSSIBILIDADES DE DEBATES PARA O ENSINO DE SOCIOLOGIA A
PARTIR DA CANÇÃO CANTO DAS TRÊS RAÇAS**

Matheus Alves do Nascimento

Este trabalho nasceu da necessidade em tratar dos temas estudados nas Ciências Sociais Brasileiras, no Ensino de Sociologia, com o público do Ensino Médio Básico. Para tanto, foi selecionado a música *Canto das Três Raças*, gravada por Clara Nunes e lançada em 1976, visando a elaboração de discussões acerca das Relações Étnico-raciais que permeiam o Brasil, elencadas pelas Ciências Sociais Brasileiras nos séculos XX e XXI. Dessa forma, consideramos o currículo para a Sociologia na Educação Básica de Mato Grosso do Sul como meio de análise, no que tange os conteúdos direcionados à “Sociologia Brasileira” e à “Antropologia Brasileira”, tratando das problemáticas étnico-raciais presentes na letra da música e na sociedade brasileira, como a *Filosofia das Três Raças*, *mestiçagem* e racismo. Assim, temos a produção musical e o Referencial Curricular de Mato Grosso do Sul como pano de fundo para a aplicação das Leis Federais 10.639/2003 e 11.645/2008, que versam sobre a obrigatoriedade do Ensino de Histórias e Culturas Africanas, Afro-brasileiras e Indígenas na Educação, que no nosso caso está ligada à disciplina de Sociologia.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de Sociologia, Currículo, Educação para as Relações étnico-raciais.

**COVID-19: GRUPOS ANTIVACINA NA RESERVA INDÍGENA DE
DOURADOS, MATO GROSSO DO SUL**

*Jéssica Maciel de Souza
Caroline Ayala Himmelreich
Daniele de Souza Osório*

O estado de Mato Grosso do Sul possui a reserva indígena mais populosa do Brasil, cerca de 15 mil habitantes, localizada no município de Dourados, a Reserva Indígena de Dourados é povoada pelos Guarani Kaiowá, Guarani Nandeva e Terena. E no ano de 2020, foi sinônimo de atenção por parte de pesquisadores, indigenistas e agentes do Estado e da saúde, devido à pandemia causada pelo COVID-19, que demonstrou uma alta taxa de contaminação, transmissão e letalidade pelo mundo. Mesmo com o início da vacinação em janeiro de 2021, no MS, tendo a população indígena do estado como grupo prioritário, ocorreu uma grande recusa à vacina por parte desses povos que moram na Reserva Indígena de Dourados. Este trabalho tem como objetivo compreender os motivos da negação a vacinação, ancorados principalmente pelas *fake news* e crenças religiosas,

buscamos descrever e entender esses processos que permearam os diálogos no dia a dia desses povos. Utilizando para a coleta de dados entrevistas on-line, acompanhamento de grupos indígenas em aplicativos de bate-papo, informações de órgãos oficiais e levantamento bibliográfico.

PALAVRAS-CHAVE: COVID-19, Vacina, Antivacina, Reserva Indígena de Dourados.

GT 7 e 8

Feminismos, adversidades e outros
fazeres antropológicos possíveis

Políticas epistemológicas: feminismo(s)
como método(s)

COORDENADORAS

Clarissa Reche (Unicamp)
Juliane Helanski (Unicamp)

DEBATEDORAS

Simone Becker (UFGD)
Winny Gabriela Santana (UFSC)
Júlia Arruda da Fonseca Palmiere (Nós Terapia)

BUSCAR POR TETOS FEMINISTAS: ANTROPOLOGIA E LITERATURA ENQUANTO QUEBRAS DA “REALIDADE”

*Aletheya Alves
Asher G. Brum*

Partindo de perspectivas contra a suposta apreensão de uma “realidade” fixa e carregada de essência, discutimos como o fazer antropológico unido à literatura dialoga com a proposta do GT: “podem as teorias feministas acolher as adversidades do fazer antropológico?”. Nos unindo a romancistas, antropólogas(os) e poetisas, propomos que ao entender o fazer antropológico enquanto não apreensão da “verdade”, se abre um des-caminho para tetos feministas. Virginia Woolf (2019) apresenta o “teto” enquanto possibilidade de independência para a escrita e, neste sentido, colocamos em fluxo as discussões sobre a necessidade da ampliação do teto para fora das casas em relação à busca por fissuras que desconstróem poderes coloniais partindo de Rita Laura Seagato (2012). Durante o ensaio enquanto caminhada, também sugerimos “desaprender” e “desver”, como indicado por Manoel de Barros (2015), como possibilidades durante o fazer etnográfico. Desta forma, concordamos com Nigel Rapport (1997) e entendemos narrativas enquanto invenção e recriação de mundos, permitindo saídas para adversidades encontradas em campo e na escrita. Tal reflexão nos permite destacar que aliar feminismos ao fazer antropológico-literário enquanto invenção possibilita saídas de sistemas de representações opressores, tais como patriarcado e colonialidade.

PALAVRAS-CHAVE: Antropologia Literária, Invenção, Etnografia.

“O SUPERIOR ME CONVIDOU PARA SAIR DO CONVENTO”: REFLEXÕES SOBRE SEXUALIDADE, DESVIOS E BIPODER NO MEIO RELIGIOSO

*Rebeca de Azevedo
Asher G. Brum*

Para Howard Becker, em seu livro “The outsiders”, ser definido como um indivíduo desviante, nada mais é que infringir alguma regra/lei imposta pelo grupo que faz parte. Sendo assim, o que torna alguém um outsider no meio religioso? De acordo com a experiência narrada por Emanuel, ser um outsider dentro da Igreja Católica não requer muito esforço, a mínima quebra de expectativas e um desvio daquilo que se espera já é muito para se tornar um corpo marcado em um ambiente, muitas vezes, tomado pelo conservadorismo. Porém, quando se trata de um corpo negro, afeminado, disposto a explorar sua sexualidade, sem se submeter a docialização exigida neste ambiente, por meio da disciplina e manipulação como exemplificado por Foucault em “Vigiar e Punir”, qualquer questionamento é visto como subversão. Sendo assim, Emanuel, um homem bissexual e devoto, tenta se inserir neste meio de tantas restrições sem se colocar nos moldes tradicional e fundamentalista.

PALAVRAS-CHAVE: Outsider, Biopoder, Subversão, Religião, Sexualidade.

TANGO QUEER: DANÇAR PARA ALÉM DAS FRONTEIRAS

*Ana Carolina Brindarolli
Asher G. Brum*

O presente projeto de pesquisa tem como objetivo, a partir de uma etnografia virtual, olhar o Tango Queer como uma forma de produção de identidades e diferenças. Através de chaves como: performance de gênero, política identitária, marcadores da diferença e certamente, teoria queer, me coloco dentro do contexto e da linguagem da dança de salão portenha, o Tango. Exploro dois locus dançantes como campo de investigação, o queer e o tradicional, majoritariamente situados em Buenos Aires - Argentina. Busco a reflexão sobre o Tango Queer como uma forma de manifestação política, um produto cultural produzido na fronteira do tango tradicional e “encenado” por sujeitos dançantes que estão a margem, e que se transformam no ser performance, sujeitos marcados por contexto, convenção e tradição. Meu argumento para a pesquisa está localizado no Tango Queer como uma forma de manifestação política, identitária, da diferença, e que ressignifica de forma engenhosa os papéis de gênero hegemônicos. A primazia pela categoria do Tango Queer, foi por enxergá-la como ferramenta de inúmeras possibilidades de análise, que se manifestam desde o cotidiano até o salão de tango: as milongas.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero, Performance, Dança, Queer, Tango.

TERRITÓRIO, CORPO E ETNOGRAFIA: LUTAS PROTAGONIZADAS POR MULHERES NO BEIRADÃO AMAZÔNICO

*Malenna Clier Ferreira Farias
Edna Ferreira Alencar*

Na Amazônia oriental, a pressão de um empreendimento madeireiro tem transformado corpos e marcado vidas das comunidades do entorno. Em Mangabeiras, que atualmente experiencia um conflito fundiário com a empresa e entre dois grupos de moradores, as lutas pela terra têm fortes expressões nas formas de representação dos corpos politizados dos(as) sujeitos(as). Partindo de uma etnografia em movimento (Pink 2010) e sob uma perspectiva translocal da tradução (Costa & Alvarez 2009) buscamos, neste trabalho, compreender a construção de território e identidades a partir dos corpos políticos de duas lideranças femininas de grupos que se diferenciam entre si em torno de categorias identitárias para titulação de terra: agricultores e extrativistas. Até então, as experiências das duas lideranças apontam para a recusa de uma identidade fragmentada, mas em constante movimento dialógico entre seus selves. Focamos em suas autobiografias para compreender a trajetória da luta coletiva gerada por ambos os grupos diante do empreendimento e das políticas territoriais, assumindo que o tema da identidade implica “construção de mundos culturais” mediados por recursos simbólicos e linguísticos, de ordem complexa de compreensão de si mesmo, possibilitando descobrir tanto os efeitos estruturantes das condições históricas, como as mediações dos agentes neste processo de improvisação (Escobar, 2010). São lutas duradouras que começam na experiência inicial de diferença, discriminação e certo senso de injustiça, onde a subjetividade é construída

na vida prática. Os recursos culturais para autoria de si revelam estarmos diante de uma experiência transfronteiriça entre mundos culturais, em um contexto histórico particular (Anzaldúa 1999, Rabinow 2016).

PALAVRAS-CHAVE: Corpo, Território, Luta, Etnografia, Autobiografia.

A SUBJETIVIDADE E A REPRESENTATIVIDADE NA ESCOLHA DO ELEITOR AO VOTAR NA “SENADORA DO BOLSONARO”

Caroline Holanda Queiroz Leite

Álvaro Banducci Júnior

Maria Raquel da Cruz Duran

A eleição de 2018 no Brasil, é cercada de peculiaridades sendo uma delas o surgimento do “Bolsonarismo”, por conta disso vimos aparecer inúmeros candidatos que associaram imagens e pautas as defendidas por Jair Messias Bolsonaro, um desses candidatos foi a advogada Soraya Thronicke, que usou como slogan de campanha a frase “A senadora de Bolsonaro”. Isto posto, na antropologia da política aspectos ligados a subjetividade do voto como identificação, influência do coletivo e subjetividade pessoal são fatores importantes para o eleitorado escolher em quem irá votar. Já na antropologia de gênero aspectos como representatividade é um assunto importante para entender a política brasileira. Nessa perspectiva, a intenção da pesquisa é trazer reflexões sobre a influência que a associação feita da candidata com o então presidencial teve na decisão do eleitorado, bem como, esclarecer quem a candidata representava e quem queria representar. Sendo assim, a metodologia escolhida foi de caráter exploratório, através de entrevistas semiestruturadas, realizadas de forma online, com eleitores da senadora Soraya Thronicke.

PALAVRAS-CHAVE: Subjetividade, Representatividade, Voto, Influencia.

SENTIDO DE SER/ESTAR “DESIGREJADA”: UMA CATEGORIA CORPORIFICADA EM DISPUTA

Tatiana Bezerra de Oliveira Lopes

Alinne de Lima Bonetti

Sob inspiração (auto)etnográfica, a proposta deste trabalho é a de analisar os sentidos produzidos sobre a categoria nativa “desigrejada” e suas articulações com disputas narrativas sobre corporalidades e experiências tidas como legítimas. Por “desigrejada”, referenciamos as experiências em torno do processo de trânsito institucional vivenciadas por mulheres evangélicas que se encontram, no momento da pesquisa, desinstitucionalizadas, ou seja, que não possuem vínculos com igrejas institucionais. Ao mesmo tempo em que “desigrejada” é uma categoria de (auto)identificação, ela também se apresenta como um recurso acusatório. A partir de um saber localizado, a pesquisadora refletirá sobre como esse marcador de diferenciação se constrói na interação entre os

sujeitos e seu pertencimento religioso. Para além do relato de uma experiência autoetnográfica, situada a partir da vivência pessoal de uma antropóloga-“desigrejada”-feminista, olharemos o “desigrejamento” como uma identidade performatizada contingente. Para tanto, acionaremos o discurso proferido por lideranças religiosas e membros da comunidade evangélica. Traremos dados etnográficos, como entrevistas semiestruturadas realizadas junto a jovens mulheres evangélicas desigrejadas, e podcasts que abordam a temática.

PALAVRAS-CHAVE: Autoetnografia, Desigrejamento, Saberes Localizados, Corporalidades.

NOVOS FEMINISMOS, NOVAS REVOLUÇÕES: O MOVIMENTO BRASILEIRO DAS PROSTITUTAS NA LUTA PELO DIREITO À CIDADANIA E AO TRABALHO

*Letícia Moutinho Palis
Laura Rebecca Murray*

Este trabalho visa apresentar as ações do projeto de extensão “Memória da Vida: organização e disseminação do acervo do movimento brasileiro de prostitutas”, resultado de uma longa parceria entre UFRJ e o Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro (APERJ). Com o intuito de recuperar as fontes históricas que atestam e revelam detalhes da organização política das prostitutas, o projeto procura expor a indissociabilidade entre feminismo e prostituição, a partir da recuperação de um imenso acervo de material de arquivo doado pela ONG Davida a APERJ. Entendendo que esse é um tema polêmico, o objetivo, aqui, é ressaltar a importância da memória nas lutas sociais das prostitutas e na afirmação da identidade e da autonomia sobre o próprio corpo.

TRAJETÓRIA FEMININA: AHY - ASSOCIAÇÃO DE MULHERES TERENA DA ALDEIA BREJÃO, T.I. NIOAQUE/MS

Daniele Lorenço Gonçalves

A AHY, associação de mulheres Terena da aldeia Brejão, foi o ponto de partida para o desenvolvimento deste trabalho. Os procedimentos adotados para pesquisa foram: história oral e análise documental. A ausência de dados etnográficos sobre as mulheres indígenas nos estudos e debates feministas e de gênero oportunizou a exposição da história das Terena da aldeia Brejão, T.I. Nioaque. As mulheres Terena da aldeia Brejão enfrentam muitas problemáticas, sendo o desemprego uma dessas. No entanto, elas se destacam por sua valentia diante da participação no Movimento Indígena e na busca por alternativas sustentáveis feitas a partir do agroextrativismo, agroecologia e sistemas agroflorestais. A partir de pesquisas empíricas tomei como hipótese de trabalho que as indígenas desta organização estariam experimentando mudanças nos padrões de vida e de relações de gênero a partir da formação da associação apenas de mulheres. Evidencia-se nas falas das Terena que a falta de assistência por parte do estado, contribuiu para o

surgimento dessa organização em moldes não indígenas. Esse grupo vem fortalecendo as mulheres indígenas como uma alternativa inovadora de geração de trabalho e renda em resposta a exclusão social vivida pelas comunidades indígenas.

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres Terena, Associação, Feminismo.

VAZANDO GÊNEROS: CORPO ANDRÓGENO E MENSTRUÇÃO EM CAMPO

Clarissa Reche

Neste ensaio, analiso falas públicas de antropólogas (entrevistas a revistas, falas em mesas redondas e eventos, etc) sobre experiências de menstruação durante trabalho de campo em contextos etnológicos. Tais trajetórias menstruais revelam tensões entre, por um lado, o confinamento da menstruação como experiência exclusivamente individual de caráter feminino, demarcadora de uma noção genérica de mulher que é constitutiva do pensamento não-indígena e, por outro lado, a instabilidade de gêneros possíveis nas cosmopolíticas indígenas, sobretudo com relação a corpos estrangeiros, bem como o caráter público do ciclo menstrual. Este constante reposicionamento do gênero é, muitas vezes, expresso pelas antropólogas como uma experiência de corpo andrógeno (CORRÊA, 2003). Argumento que a experiência de menstruação em campo constitui um modo estético de produção do conhecimento capaz de confundir sensualidade e trabalho, o que traz desafios às possibilidades de pesquisas baseadas em “saberes localizados” (HARAWAY, 2009) dentro de instituições acadêmicas com modelos racionalistas de recompensa por produtividade. Por fim, apresento uma experimentação estético-sensual com meu sangue menstrual como protótipo de produção científica difratária (BARAD, 2017).

PALAVRAS-CHAVE: Menstruação, Corpo, Etnologia, Trabalho de campo, Conhecimento.

MULHERES EM CIRCULAÇÃO: COTIDIANO E TRABALHO URBANO NA AMAZÔNIA (ENTRESSÉCULOS)

Isadora Bastos de Moraes

Em um contexto de trabalho traduzido pela historiografia como marcadamente masculino, as múltiplas atividades femininas são fundamentais e é justamente por meio destas que nos deparamos com as experiências das mulheres na cidade de Belém no contexto da economia gomífera, por meio dos registros contidos nos jornais da época. Neste sentido, objetiva-se assim analisar experiências de mulheres trabalhadoras no cotidiano amazônico, em Belém, na virada do século XIX para o século XX. A proposta consiste em apreender suas ações, aspirações e os significados atribuídos às práticas individuais e coletivas em torno do trabalho urbano no período que envolve ascensão e declínio da economia da borracha na região. Portanto, entendo que não se pode pensar o

trabalho feminino como algo homogêneo, mas de acordo com configurações específicas de temporalidade, espaço, raça, classe e gênero.

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres, Trabalho, Cotidiano.

“EU ERA UMA MENINA FEIA QUE CONSEGUI VIRAR UMA MENINA BONITA”: EXPERIÊNCIAS TRANS FEMININAS, TRANS MASCULINAS E TRAVESTIS EM CAMPO GRANDE-MS

*Adriana Cristine Lopes Lino
Guilherme Rodrigues Passamani*

A partir de relatos de pessoas trans femininas/trans masculinas e travestis, todas moradoras da cidade de Campo Grande (MS), analisa-se como se constituíram as suas performatividades trans. Com foco nos fatos que marcaram os processos de reconhecimento das suas identidades de gênero autopercebidas, destacam-se os seus arranjos e as suas estratégias como modos de articulação das suas performances de gênero. Portanto, os conceitos de identidade e de experiências se tornam centrais na medida em que ambos precisam ser levados em conta neste processo de resignificação. Esta pesquisa acionou categorias de diferenciação que se articulam com gênero e sexualidade para analisar por meio de uma abordagem interseccional os marcadores sociais da diferença como arranjos e estratégias corporais, afetivos e sociais centrais na vida desses sujeitos. Do ponto de vista teórico, o diálogo será com os Estudos Culturais, a crítica feminista, a teoria transfeminista e a analítica queer.

PALAVRAS-CHAVE: Trans, Arranjos, Estratégias, Identidade, Experiências.

A GUERRA TEM ROSTO DE MENINA: QUANDO A POLIFONIA DOS ESTILHAÇOS EMBALA CANÇÕES DE NINAR

*Vanessa Oliveira Rocha
Karina Leonardo do Nascimento*

O presente artigo pretende expor as nuances e particularidades de um fenômeno político-social e jurídico ainda pouco explorado, mas que denota crucial relevância dentro da perspectiva internacional dos Direitos Humanitários, qual seja: o emprego direto ou indireto de crianças soldado nos conflitos armados contemporâneos, se buscando dar contexto aos fatores que corroboram o uso dessas crianças dentro da dinâmica beligerante enquanto crime de guerra; explorando as razões de fato e de direito que fundamentam a conveniência do seu emprego para as partes envolvidas nos conflitos. Ao passo em que esse artigo almeja compreender em que medida a violência de gênero colabora no silenciamento da questão das meninas soldado colombianas, se ambiciona igualmente, compreender (sob uma perspectiva teórica e conceitual) como as questões de gênero influenciam na dinâmica dos conflitos armados colombianos favorecendo a exclusão das meninas guerrilheiras dos Programas de Desarmamento, Desmobilização e Reintegração

de crianças soldado. Analisar as respostas da comunidade internacional para tal questão (ou a ausência destas, tomando por alicerce perspectivas pautadas nos Direitos Humanos, Fundamentais e Sociais) na mesma medida se mostra indispensável para a edificação dessa, que pretende ser uma retórica não de esgotamento do tema, mas comprometida em principiar uma discussão voltada ao reforço da proibição da prática do alistamento infantil; aqui tecida pelo diálogo entre considerações de Gênero, Violência e Sexualidade enquanto fatores que favorecem o silenciamento gradual de tal problemática no cenário internacional.

PALAVRAS-CHAVE: Meninas soldado, Violência de gênero, Conflito armado, Silêncio, Política Internacional.

UMA PUTA ENTIDADE: POSSIBILIDADES DE DIÁLOGOS ENTRE O PUTAFEMINISMO E AS REPRESENTAÇÕES DAS POMBAGIRAS

*Maria Eduarda Rodrigues da Silva
Carla Cristina de Souza
Flávia Freire Dalmaso*

Este trabalho tem por objetivo traçar algumas possibilidades de diálogos entre os imaginários sociais relacionados às pombas-gira, presente nos cultos afro-brasileiro – especialmente nas Umbandas – e às performatividades putafeministas – postura política-feminista que vêm sendo manifestada pelo movimento brasileiro de prostitutas. Desde às perspectivas feministas, sobretudo interseccionais e decoloniais, apontamos como as pombas-gira tensionam e subvertem às normatizações sociais sobre a sexualidade, bem como também fazem as prostitutas, putafeministas, com às críticas que expõem ao sexo não-pago. Ambas as identificações apontam possibilidades de rompimentos com uma sexualidade limitadora que classifica como desejos aceitáveis apenas os que seguem as convenções de uma cis-heteronormatividade monogâmica. A partir da prévia revisão bibliográfica, que identificam a agência dessas entidades/espíritos, percebemos uma constante representação das pombas-gira como, mulheres da vida, das ruas, das esquinas, ciganas, bruxas e feitiçeras, representação que também correspondem as prostitutas, quando falamos sobre mulheres que não cumprem com os “papéis de gênero”, da “santificação” da mulher. Neste sentido, nossa proposta é sinalizar a evocação subversiva e transgressora, apontando como as putafeministas e as pombas-gira performatizam outras viabilidades para uma sexualidade feminina anti-hegemônica, compartilhando em comum de uma postura anti-patriarcal, no qual o modelo dócil da mulher “do lar” e todas suas representações socialmente exigidas, são extintas por uma conduta crítica sobre “papéis” sociais em relação ao gênero e sexualidade.

PALAVRAS-CHAVE: Sexualidade, Feminismos, Pombagiras, Prostitutas, Anti-patriarcal.

EU VERSUS O OUTRO E A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

*Rosimeire Batista da Silveira
Asher G. Brum*

Nosso objetivo é analisar a violência de gênero contra a mulher sob a ótica da literatura antropológica sobre violência inserida na relação Eu versus o Outro. Sobretudo nas obras de Pierre Clastres (1979) e Levi-Straus (1982). Também fazemos um diálogo com o pensamento da filósofa feminista Simone de Beauvoir (2016) sobre a relação Homem versus Mulher. Beauvoir (2016) afirma que as mulheres são o único grupo que reconhece a si mesmo como o Outro, sendo esta a causa de sua subordinação ao poder masculino. Nossa hipótese é que a construção dessa identificação feminina com o lugar de Outro foi construído com o emprego de técnicas de poder, especialmente a tecnologia do saber e para isso também fazemos um diálogo com o filósofo Michel Foucault (2019). Para testarmos nossa hipótese, apresentamos alguns dados sobre violência contra a mulher no Estado de Mato Grosso do Sul e demonstramos, por meio da narrativa de três mulheres que se reconheceram como mulheres que sofreram violência de gênero no âmbito de suas relações íntimas de afeto, as conexões entre as práticas de violência pelas quais passaram por longo tempo e a forma como dão significado às violências sofridas, tanto pelas suas próprias elaborações, quanto pelas justificativas de seus agressores.

PALAVRAS-CHAVE: Violência contra a mulher, Eu versus o Outro, Narrativa de mulheres.

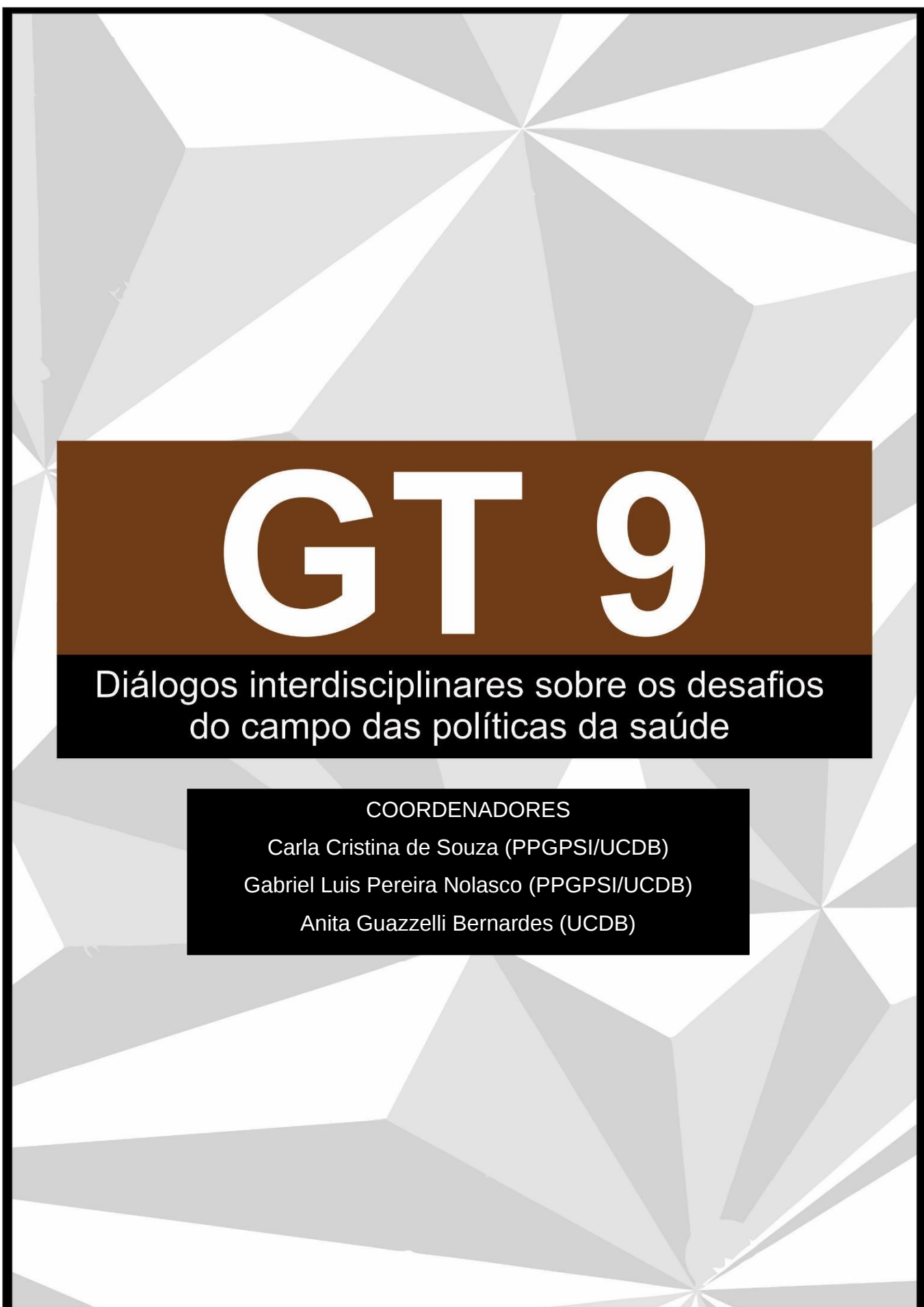
O PATRIARCADO ECLESIAÍSTICO E AS IMPLICAÇÕES NAS RELAÇÕES DE GÊNERO

Vanessa Vieira

Este trabalho tem como intuito analisar por intermédio de uma perspectiva antropológica a influência que o patriarcado eclesiástico exerce na manutenção da violência contra as mulheres, criando, desta forma, o que se domina hierarquização dos corpos ou hierarquização corpórea. Entende-se que as religiões são realidades socialmente construídas e que as representações simbólicas e os discursos religiosos são reveladores das relações sociais, entre outras, as relações de gênero. As narrativas das mulheres em situação de violência são fundamentais para se poder entender as representações e as violências de gênero, aqui entendida como um fenômeno social resultado da desigualdade de gênero advindo do patriarcado estrutural – sistema de dominação-exploração das mulheres pelos homens. Nas diversas opressões vivenciadas pelas mulheres, o patriarcado religioso, de maneira sutil, simbólica ou de forma concreta impõe o silêncio, a submissão, a martirização e a responsabilidade pela unicidade familiar às mulheres, invocando as representações sociais para justificarem ou ocultarem práticas violentas contra a população feminina no espaço privado, influenciando a permanência no ciclo da violência. Para essa análise o grupo escolhido é o de mulheres que solicitaram a revogação das medidas protetivas de urgência previstas na Lei Maria da Penha e que participam de um grupo reflexivo destinado a este público. O citado grupo integra o rol

de programas da Coordenadoria da Mulher do Tribunal de Justiça de Mato Grosso do Sul.

PALAVRAS-CHAVE: Patriarcado, Religião, Violência Doméstica, Mulheres.



GT 9

**Diálogos interdisciplinares sobre os desafios
do campo das políticas da saúde**

COORDENADORES

Carla Cristina de Souza (PPGPSI/UCDB)

Gabriel Luis Pereira Nolasco (PPGPSI/UCDB)

Anita Guazzelli Bernardes (UCDB)

“NÓS SOMOS MUITO MAIS”: CARTOGRAFANDO POR ENTRE ESPAÇOS NOMES, CORPOS EM BUSCA DE CONCEPÇÕES TRANSVIADA DE SAÚDE

*Daniella Chagas Mesquita
Esmael Alves de Oliveira*

Esta pesquisa, a partir de uma abordagem qualitativa e de uma escuta despretensiosa, propõe uma cartografia e a análise de concepções e sentidos de saúde experienciadas por travestis e mulheres trans. Tais sentidos, cartografados em eventos, diálogos e entrevistas alocados em Campo Grande-MS, foram analisados primeiramente a partir de contraposições, tensionamentos e negociações com modelos hegemônicos de saúde, em especial o modelo biomédico, que tende a reduzir suas discussões sobre a saúde da população trans ao tópico prevenção e tratamento de infecções sexualmente transmissíveis ou ao processo transexualizador, fazendo com que outras questões, também importantes no dia a dia dessas pessoas, sejam extraviadas. Tais vivências e compreensões contra-hegemônicas por parte de pessoas travestis e transexuais apontam para uma concepção ampliada de saúde, a qual denomino de saúde transviada. Tal categoria analítica aponta tanto para os limites de uma concepção de saúde delimitada por normativas biomedicalizantes quanto à possibilidade de uma concepção de saúde encarnada, afetiva e militante, que é tecida a partir dos fios da memória de travestis e transexuais.

PALAVRAS-CHAVE: Saúde, Travestilidade, Transexualidade, Corpo, Dissidências.

LGBTs E A SAÚDE MENTAL: SUPERANDO SILÊNCIO(S)

Esmael Alves de Oliveira

O presente trabalho é um desdobramento das pesquisas e reflexões no campo da antropologia da saúde levada a cabo pelo autor. No que tange especificamente ao tema da saúde mental, trata-se de uma problemática que sobre a qual o pesquisador tem se debruçado desde sua pesquisa de pós-doutorado sobre consumo de psicofármacos entre professores/as universitários/as e pós-graduandos (OLIVEIRA, 2020). Se o tema do sofrimento mental tem sido um campo já consolidado na antropologia brasileira (AZIZE, 2002; BIEHL, 2005; MALUF, TORNQUIST, 2010), o mesmo não se pode afirmar quando o assunto é a saúde mental da população LGBT. Ao contrário, observa-se um quase absoluto silêncio. Mobilizado por tal constatação é que emerge a presente pesquisa. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, exploratória e descritiva que objetiva mapear o que tem sido produzido no Brasil sobre tal temática. A partir dos descritores “LGBT”, “saúde mental”, “sofrimento mental”, “adoecimento mental”, “transtorno mental”, “ideação suicida”, “gays”, “homossexuais”, “lésbicas”, “travestis”, “transexuais”, no portal de periódicos SciELO obteve-se o resultado total de apenas seis artigos. Embora o material ainda esteja sob análise, em uma leitura preliminar dos resumos, foi possível verificar estreita correlação entre sofrimento mental de LGBTs e preconceito e/ou discriminação social chamando atenção para impactos psicossociais desse tipo de violência na saúde mental deste segmento. Acreditamos que os resultados da pesquisa podem contribuir com

os processos de desnaturalização do sofrimento mental/psíquico, colocando a discussão no âmbito da produção e reprodução social do sofrimento.

PALAVRAS-CHAVE: LGBTs, Saúde mental, Sofrimento Social, Revisão de Literatura.

O ADOECIMENTO PSÍQUICO DE GRADUANDOS DA FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS (USP): DIÁLOGOS INTERSECCIONAIS COM A ANTROPOLOGIA DA SAÚDE

Felipe Paes Piva

Esta proposta debruça-se sobre um fenômeno universitário: o sofrimento mental de seus alunos. Com pesquisa empírica junto aos alunos de graduação da FFLCH-USP, a pesquisa visa entender em que medida há uma interação específica entre saúde mental e a experiência de discriminação associada aos marcadores sociais da diferença através da convivência e das narrativas destes alunos. Deseja-se apreender o caráter relacional desses sofrimentos que ocorrem no ambiente universitário e as formas complexas como raça, classe, gênero, sexualidade se entrelaçam nessas narrativas. Parte-se do entendimento de que tal fenômeno não se estabelece de forma homogênea entre os alunos, mas as junções de determinados marcadores apontam uma maior suscetibilidade de sofrimento psíquico, derivado de condições precárias específicas de determinados grupos sociais em contraposição a outros no contexto universitário e da precariedade nas estruturas de inclusão e permanência. O sofrimento psíquico no ambiente universitário envolve tanto dimensões individuais e singulares, quanto dimensões socioestruturais, coletivas e institucionais tanto em relação aos marcadores sociais da diferença (raça, classe, gênero, sexualidade), como as questões envolvendo mudanças estruturais das condições de vida, de redistribuição econômica, de reconhecimento social, do acesso à saúde, à moradia, à alimentação, à educação e toda uma série de efetivação de direitos. Como também pode estar relacionado diretamente ao contexto estudantil e burocrático universitário. Realizei entrevistas semi-estruturadas com graduandos da FFLCH, construí quadros sinópticos para dividir as temáticas apresentadas pelos alunos. Também elaborei dois quadros para tratar das notícias e pesquisas que lidam com a temática.

PALAVRAS-CHAVE: Antropologia da Saúde, Saúde Mental, Marcadores sociais da diferença, Desigualdades sociais, Universidade.

SAÚDE INDÍGENA E PANDEMIA: CONSIDERAÇÕES SOBRE A POLÍTICA PÚBLICA DE ENFRENTAMENTO À COVID-19 PARA OS POVOS INDÍGENAS E A ADPF N. 709

*Sandra Regina Martini
Antonio Hilário Aguilera Urquiza
Élida Martins de Oliveira Taveira*

O presente artigo científico tem como objetivo primordial avaliar a política pública de enfrentamento à Covid-19 para os povos indígenas, conferindo especial destaque para as decisões proferidas na ADPF n. 709, que está em tramitação no STF. O problema de pesquisa consiste em averiguar como está sendo elaborada e desenvolvida referida política pública e se ela é inclusiva, contemplando todos os indígenas. Após exame das decisões proferidas na ADPF n. 709 e dos normativos aplicáveis à temática, observa-se que o Plano Geral de Enfrentamento à Covid-19 para Povos Indígenas, por força de decisão judicial, vem sendo realizado com a participação do governo federal e de instituições dedicadas à causa indígena, sendo, contudo, flagrante a dificuldade de entendimento entre tais atores. Nota-se, outrossim, que referido Plano não contempla todos os indígenas, havendo injustificada exclusão de indígenas pertencentes a aldeamentos urbanos com acesso ao SUS no que tange à vacinação prioritária contra Covid-19 e ao atendimento pela rede coordenada pela SESAI. A pesquisa empreendida é exploratória, com método de abordagem hipotético-dedutivo, e quanto aos procedimentos, a pesquisa é bibliográfica e documental.

PALAVRAS-CHAVE: Saúde Indígena, Covid-19, Política Pública, ADPF n. 709.

O CORPO MULTINATURAL DE LACAN, OU A PROPÓSITO DE UMA NATUREZA NA REFLEXÃO ONTOLÓGICA EM PSICANÁLISE

*Alberto Warmling Candido da Silva
Tiago Ravanello*

Neste trabalho apresentamos uma genealogia para um problema de campo em torno do saber psicanalítico sobre o corpo. Para isso, procuramos durante nosso argumento mostrar que a noção de natureza, do ponto de vista ontológico, é central para as demarcações e acessos sobre o entendimento de corpo em psicanálise. Além disso, a partir do debate contemporâneo em psicanálise, especialmente a que se associa ao campo lacaniano, mostramos como o entendimento sobre o saber da psicanálise sobre o corpo opõe a doutrina significativa com a noção de gozo, este conceito que se ligaria a uma manifestação possível do corpo vivo. Dessa maneira, ao final, apresentamos a hipótese de que o perspectivismo ameríndio é capaz de reatualizar essa discussão conceitual, uma vez que reconhecemos nele um multinaturalismo. Nesse sentido, o corpo em uma ontologia que promove a multiplicidade de acesso à natureza não se vê demarcado através de uma substância, e requer que expandimos no universal a onto-semiótica que podemos desenvolver sobre ele. Concluimos, então, que a psicanálise teria a perder se não desenvolvesse a apresentação de sua ontologia, uma vez que na ausência de uma, poderia

recair em problemas conceituais que visava se abster, especialmente os que fizemos notar a partir da divisa entre natureza e cultura.

PALAVRAS-CHAVE: Perspectivismo ameríndio, Epistemologia da psicanálise, Ontologia e psicanálise.